

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE TEOLOGIA

**AS RELEITURAS DA NARRATIVA DO DILÚVIO NA TRADIÇÃO BÍBLICA**

ORIENTANDO: LENILSON OLIVEIRA PAULA SILVA  
ORIENTADOR: PROF. DR. VALMOR DA SILVA  
COORIENTADOR: PROF. DR. MARIOSAN DE SOUSA MARQUES

GOIÂNIA

2021

LENILSON OLIVEIRA PAULA SILVA

**AS RELEITURAS DA NARRATIVA DO DILÚVIO NA TRADIÇÃO BÍBLICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) para obtenção do título de bacharel em teologia, sob as orientações do Prof. Dr. Valmor da Silva e do Prof. Dr. Mariosan de Sousa Marques.

GOIÂNIA

2021

# ATA DE APRESENTAÇÃO

A Dom Antônio Fernando Brochini, CSS  
Dom Antônio Lino da Silva Diniz (*in memoriam*)  
Padre Inazir Marques (*in memoriam*)  
José Ismael Silva (*in memoriam*)  
Alecimar Oliveira Paula Silva  
Lorraine Oliveira Silva  
Janaina dos Santos

## Agradeço

Ao bom Deus, que me alcançou com seu amor e me chamou para o seu seguimento e sempre está presente em todos os momentos da minha vida, mostrando-me o caminho que conduz à verdade.

À diocese de Itumbiara, na pessoa do meu bispo Dom Antônio Fernando Brochini, CSS; ao clero e aos fieis dessa mesma diocese que me acolhem como diácono e contribuem para minha formação sacerdotal.

A esta instituição de ensino PUC Goiás, seu corpo docente e discente, que me proporcionaram um vasto campo de novos conhecimentos.

À minha família, que sempre esteve presente em minhas decisões, com apoios e conselhos.

À equipe de formação do Seminário Interdiocesano São João Maria Vianney e à minha comunidade de vida Cenáculo.

A minha gratidão a todos os professores, em especial ao meu orientador professor Dr. Valmor da Silva e ao coorientador Dr. Mariosan de Sousa Marques pelo desempenho, dedicação, competência e orientação para a confecção deste trabalho, e ao coordenador do curso Prof. Pe. David Pereira de Jesus pelo apoio e suporte nas lidas diárias.

A todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para a conclusão deste trabalho e do meu processo formativo inicial em vista do sacramento de serviço da ordem.

*Em sentido místico, a construção da Arca de Noé figura a edificação da Igreja pelas mãos de Nosso Senhor, os fieis unidos entre si como ripas encaixadas. Concluída a obra, entra nela no dia do juízo, iluminando-a com a glória invisível de sua presença, para aí habitar eternamente. Ao mesmo passo em que a arca é construída, entregam-se os iníquos a muitos excessos; estes morrem, porém, quando Nosso Senhor nela entra: todos aqueles que, neste mundo, ultrajaram os santos combativos, hão de padecer de um suplício infindo; os santos, todavia, serão coroados na glória.*  
(São Beda Venerável, apud, AQUINO, 2019b, p. 520)

## RESUMO

A tradição bíblica, desde o Antigo ao Novo Testamento, leu a narrativa do dilúvio algumas vezes distintas outras similares. O relato do dilúvio torna-se fundamento para imagens apocalípticas, tema para conversão e como tipologia do Batismo. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é de investigar como se deu a interpretação do relato do dilúvio dentro dos livros bíblicos. Além da revisão bibliográfica sobre a narrativa do dilúvio, utiliza-se os métodos de releituras dos hagiógrafos e o histórico-crítico para encontrar as reinterpretações e um *locus* da escrita do relato. Apresenta-se o estado da arte de pesquisa sobre a narrativa de Gn 6-9 para entender o contexto histórico em que a narrativa é escrita e quais os principais comentários sobre o relato. Depois busca-se abordar as releituras da narrativa do dilúvio dentro dos livros veterotestamentários, que percorrem três nuances, a saber, o estado de caos, a soberania de Iahweh e o escatológico. A última parte aborda a reinterpretação do relato nos escritos neotestamentários os quais buscam ensinar aos cristãos sobre a natureza divina de Jesus a partir do seu poderio sobre a natureza criada; sobre a vigilância e a constante oração até o retorno de Jesus; e como tipo para o Batismo, banho que lava toda espécie de imundície, levando o cristão a adquirir uma atitude de fé e evangelizadora. Em síntese, Iahweh é capaz de destruir e reconstruir/salvar o seu povo, até o entardecer do dia final, uma vez que ele com misericórdia interveio no tempo de Noé, Ele irrompe a escravidão e o exílio e sempre interferirá na história do seu povo.

**Palavras-chave:** Relato do dilúvio. Noé. Releitura. Bíblia. Tradição Javista e Sacerdotal.

## ABSTRACT

Biblical tradition, from the Old to the New Testament, has read the flood narrative sometimes distinct from others similar. The account of the flood becomes a foundation for apocalyptic images, a theme for conversion and as a typology of Baptism. The aim of this course completion work is to investigate how the interpretation of the flood account was carried out within the biblical books. In addition to the bibliographical review on the narrative of the deluge, the reinterpretation methods of the hagiographers and the historical-critical are used to find the reinterpretations and a locus for the writing of the report. The state of the art of research on the narrative of Gen 6-9 is presented to understand the historical context in which the narrative is written and what are the main comments on the account. Afterwards, it seeks to address the reinterpretations of the narrative of the flood within the Old Testament books, which cover three nuances, namely, the state of chaos, the sovereignty of Yahweh and the eschatological. The last part addresses the reinterpretation of the account in the New Testament writings which seek to teach Christians about the divine nature of Jesus from his power over the created nature; about vigilance and constant prayer until Jesus returns; and as a type for Baptism, a bath that washes away all kinds of filth, leading the Christian to acquire an attitude of faith and evangelizing. In summary, Yahweh is able to destroy and rebuild/save his people, until the evening of the final day, since he mercifully intervened in the time of Noah, He interposes during slavery and exile and will always interfere in the history of his people.

Keywords: Report of the flood. Noah. Rereading. Bible. Jewish and Priestly Tradition.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 ESTADO DA ARTE SOBRE GN 6-9</b> .....	14
1.1 AS DUAS TRADIÇÕES: JAVISTA E SACERDOTAL .....	19
1.1.1 Javista.....	23
1.1.2 Sacerdotal.....	24
1.2 SOBRE A NARRATIVA GN 6-9 .....	25
<b>2 O DILÚVIO NO ANTIGO TESTAMENTO</b> .....	35
2.1 PENTATEUCO .....	36
2.1.1 Gênesis.....	36
2.1.2 Êxodo .....	37
2.1.3 Levítico .....	38
2.1.4 Números.....	38
2.1.5 Deuteronômio .....	39
2.2 LIVROS HISTÓRICOS .....	39
2.2.1 Josué.....	39
2.2.2 Juízes.....	40
2.2.3 Primeiro e Segundo Samuel.....	40
2.2.4 Primeiro e Segundo Reis.....	40
2.3 LIVROS SAPIENCIAIS.....	40
2.3.1 Jó.....	41
2.3.2 Salmos.....	42
2.3.3 Provérbios .....	44
2.3.4 Cântico dos Cânticos .....	44
2.3.5 Sabedoria de Salomão.....	45
2.3.6 Eclesiástico .....	45
2.4 LIVROS PROFÉTICOS .....	46
2.4.1 Isaías .....	46
2.4.2 Jeremias .....	52
2.4.3 Baruc.....	53
2.4.4 Ezequiel .....	53
2.4.5 Daniel.....	55
2.4.6 Amós.....	56
2.4.7 Oseias.....	56
2.4.8 Sofonias .....	56
2.4.9 Naum.....	57
2.4.10 Habacuc .....	57
2.4.11 Ageu.....	57
2.4.12 Zacarias .....	58
<b>3 O DILÚVIO NO NOVO TESTAMENTO</b> .....	59
3.1 EVANGELHOS SINÓTICOS .....	60
3.1.1 Evangelho de Mateus.....	60
3.1.2 Evangelho de Marcos.....	63
3.1.3 Evangelho de Lucas .....	64
3.2 CARTAS PAULINAS E DEUTERO-PAULINAS.....	66
3.2.1 Carta aos Romanos .....	67
3.2.2 Primeira carta aos Coríntios.....	67
3.2.3 Carta aos Gálatas .....	68
3.2.4 Primeira carta a Timóteo.....	68

3.3 CARTA AOS HEBREUS.....	68
3.4 CARTAS DE PEDRO .....	70
3.4.1 Primeira carta de Pedro.....	71
3.4.2 Segunda carta de Pedro.....	73
3.5 LITERATURA JOANINA E APOCALIPSE .....	75
3.5.1 Evangelho de João .....	76
3.5.2 Apocalipse .....	76
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>

## INTRODUÇÃO

O conjunto dos cinco primeiros livros das Sagradas Escrituras, que recebe o nome de Pentateuco que, pela tradição bíblica, tinha como único autor Moisés, sofreu sérias críticas tanto no âmbito de autoria quanto no conteúdo teológico. Nessa esteira de análise, o livro do Gênesis se encontra no cume, seja mediante investigações apreciativas ou depreciativas, porque principalmente os relatos da criação (Gn 1-2) e o relato do dilúvio (Gn 6-9) são narrativas com paralelos na mitologia do Antigo Oriente Médio. Alguns destes críticos fizeram sérios ataques a esses conjuntos de capítulos, colocando em xeque o restante dos livros bíblicos. Assim, um arcabouço literário é publicado na tentativa de salvaguardar os acontecimentos como narrados ou desqualificá-los, reduzindo-os à mera mitologia.

Instaurada a crise por causa dos ataques críticos dos exegetas bíblicos, é pertinente investigar outros modos de descobrir o *locus* da escrita do relato do dilúvio para compreender a intenção do autor ao escrevê-lo e colaborar para uma melhor exegese do texto. A partir dos textos bíblicos que mencionam a narrativa do dilúvio, apoiados por exegetas, muitos pesquisadores buscaram encontrar novos caminhos, com critérios mais seguros, de contextualização espacial-temporal do registro das tradições orais antigas, a fim de evidenciar as pretensões teológicas, religiosas e político-econômicas do hagiógrafo do relato diluviano. E esse movimento de releitura pode ser observado dentro da própria Sagrada Escritura que reinterpreta a narrativa do dilúvio.

A tradição bíblica, desde o Antigo ao Novo Testamento, leu a narrativa do dilúvio algumas vezes distintas, outras, similar. O relato do dilúvio torna-se fundamento para imagens apocalípticas, tema para conversão e como tipologia do batismo. A menção do relato do dilúvio diretamente se dá, no Antigo Testamento, apenas no Sl 29,10. Nos demais livros veterotestamentários, ocorrem menções indiretas ou mencionam algum elemento da narrativa diluviana. São alguns deles: Is 28,2; 54,9; 43,2; Sl 18,17; 32,6; 69,3.16; 93,3; 124,4; Jó 12,15; 26,12; Dn 9,26; Na 1,8. Nos livros mais tardios, escritos em grego, ainda se encontram duas menções Eclo 44,17 e Sb 10,4. No Novo Testamento, as menções diretas sobre a narrativa do dilúvio ou ao personagem Noé podem ser encontradas nos evangelhos de Mateus e Lucas (Mt 24,37-39; Lc 17,26-35); na carta aos Hebreus (11,5-6); e nas duas cartas petrinhas (1Pd 3,20-22; 2Pd 2,5-10). Outras passagens indiretas podem ser encontradas em: Lc 2,24; 3,22; 12,24; 22,40-46; Mt 1,19; 3,13-17; 26,30.36; Mc 1,9-11; 14,32-42; Jo 18,1; Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10,38, dentre outras passagens.

A Pontifícia Comissão Bíblica, no documento “A interpretação da Bíblia na Igreja”<sup>1</sup>, refere-se ao método de releitura como um dos que enfatiza a unidade dos escritos bíblicos. Este método faz alusões direta ou indiretamente de escritos anteriores, propõe novos aspectos de leitura da narrativa e aprofunda seu significado ou confirma seu cumprimento. Os autores sagrados, tanto do Antigo como do Novo Testamento, fizeram releituras das tradições, isto é, dos acontecimentos antigos narrados ou transmitidos oralmente, para buscar a presença de Deus na história do seu povo que cumpre as promessas feitas aos antepassados. E assim, atualiza o texto.

Os livros bíblicos fazem releituras de tradições escritas e orais de Israel, isto é, dos acontecimentos passados do povo. A busca dos textos para interpretação se dá pelo método *midrash*. O termo *midrash* tem por raiz hebraica *drsh* que é traduzida por “buscar”, “explicar” ou “interpretar” as Escrituras (cf. Dt 13,15; Esd 7,10; 2Cr 13,22; 24,27). Desse modo, pode-se definir o termo *midrash* como uma “leitura-busca” da Escritura para encontrar Iahweh (cf. Is 55,6; Sl 34,6), ou seja, é um perscrutar o texto e assim compreendê-lo, atualizá-lo e aplicá-lo nos diversos contextos históricos. Na tradição judaica, o método *midrash* é apreendido como exegese, porque busca o sentido da Bíblia, e também como hermenêutica, uma vez que utiliza técnicas e procedimentos determinados para a leitura das Escrituras. Existem dois tipos de *midrash*, a saber, o *midrash halakah* e o *midrash haggadah*. O primeiro visa mais a leitura das normas de conduta e da Lei para um andar nos caminhos do Senhor. Quanto ao segundo, refere-se mais à leitura teológica da Escritura nem tanto uma leitura de conduta. No Novo Testamento, esse método de leitura-busca aparece de três tipos. O primeiro é o modelo promessa-cumprimento em que figuras do Antigo Testamento são prefigurações de Cristo e profecias que se cumprem na pessoa de Jesus (cf. Mt 13,36-43; Rm 5,12-21; Hb 7). O segundo é o modelo de inserção-substituição no qual o antigo dá lugar ao novo. Por exemplo, a Igreja como o novo povo de Israel, a nova e eterna aliança, etc. (cf. Lc 22,20; Mc 14,24; 1Cor 11,25). O terceiro modelo é o da oposição em que se tem a contraposição frente à realidade da nova aliança realizada em Cristo. É um método literário que por meio de antíteses realça a novidade do Evangelho (cf. Jo 6,32-38; Gl 3,19; Rm 3-4; Hb 12,18-24). Por fim, a tradição judaica desenvolveu essa técnica de releitura das tradições para interpretar, atualizar e aplicar a Torá na vida cotidiana do povo de Israel.<sup>2</sup>

<sup>1</sup>PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. 9ª ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

<sup>2</sup>SOUSA, Raimundo Pereira. O método midráshico no Novo Testamento. **Cadernos de Sion**, v. 1, n. 1, 2020, pp. 95-113. AVRIL, Anne; LEHARDT, Pierre. **Introdução à leitura judaica da escritura**. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2008.

A pesquisa além de uma revisão dos textos bíblicos que releem a narrativa do dilúvio realiza um levantamento bibliográfico de comentadores das passagens bíblicas, sempre em diálogo com pesquisadores antigos e contemporâneos. Utiliza-se do método histórico-crítico para a análise textual, remontando assim às origens da formação do texto.

Três perguntas guiam o percurso dos capítulos, a saber: qual o contexto histórico em que se deu a narrativa do dilúvio? Qual a função primordial da narrativa do dilúvio? Como foi reinterpretada a narrativa do dilúvio no Antigo e Novo Testamento? A partir delas e de hipóteses levantadas inicialmente sobre o tema da releitura do relato do dilúvio nos livros bíblicos busca-se investigar como se deu a interpretação do relato do dilúvio dentro dos livros bíblicos.

Para alcançar o objetivo, o trabalho é dividido em três capítulos: o primeiro é a apresentação do estado da arte de pesquisa sobre a narrativa de Gn 6-9 para entender o contexto histórico em que a narrativa é escrita e quais os principais comentários sobre o relato. As pesquisas abordadas no capítulo debatem sobre a leitura teológica da narrativa, principalmente sobre a intenção do hagiógrafo ao escrevê-la. Uma vez que ele seja um relato escrito durante e após o exílio babilônico do povo de Israel, a pretensão do autor é a comparação do dilúvio com o exílio, ambos causados pela infidelidade (ou maldade) do homem a Iahweh, mas que no fim o único Deus (re)estabelece sua aliança com Noé e desiste de ferir o seu povo.

O segundo busca abordar as releituras da narrativa do dilúvio dentro dos livros do Antigo Testamento. As releituras do dilúvio pelos hagiógrafos, no Antigo Testamento, perpassam os grupos de livros: Pentateuco, Livros Históricos, Proféticos e Sapienciais. Nos livros bíblicos, três aspectos de releituras podem ser observados: o estado de caos, a soberania de Iahweh e o escatológico. A destruição dos seres viventes pelo dilúvio, o tormento do exílio e a destruição do Templo de Jerusalém, foram executados pela vontade divina para eliminar toda a maldade do homem e infidelidade de Israel à aliança com Iahweh. Assim, do mesmo modo que Iahweh agiu com Noé, ele age durante o exílio e sempre agirá na história do seu povo.

O terceiro capítulo versa sobre a reinterpretação do relato nos escritos do Novo Testamento. Os escritos neotestamentários buscam ensinar aos cristãos sobre a natureza divina de Jesus a partir do seu poderio sobre a natureza criada; sobre a vigilância e a constante oração até o retorno de Jesus; e como tipo para o Batismo, banho que lava toda espécie de imundície. Desse modo, a releitura do dilúvio busca levar o cristão a adquirir uma atitude de fé e justiça diante de Deus e da missão evangelizadora que visa todos os povos.

## 1 ESTADO DA ARTE SOBRE GN 6-9

O conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia recebe o nome de “Pentateuco”, porque deriva do termo grego *pentáteuchos*, isto é, da composição do numeral *pénte*, “cinco”, e do substantivo *téuchos* – “estojo”. Portanto, este termo “Pentateuco” poderia ser traduzido como o “conjunto de cinco estojos” (objeto onde se conservava os rolos contendo as escritas sagradas). Para o povo de Israel, este conjunto é denominado Torá, que significa ensinamento ou instrução ou Lei.<sup>3</sup>

O grupo dos capítulos 1 a 11 do primeiro livro do Pentateuco, o Gênesis, é tido como a história das origens, porque “narra precisamente as origens do cosmos e da humanidade, o desenvolvimento desta, desde os primeiros seres humanos às primeiras formas de civilização até sua articulação numa multiplicidade de povos”.<sup>4</sup> E por isso,

[...] não deve ser tomado como tentativa de reconstrução dos primeiros acontecimentos da história. Antes, através de uma linguagem mitológica procura-se lançar luz sobre uma série de fenômenos fundamentais, por vezes problemáticos, do cosmos, da história e da vida humana [...].<sup>5</sup>

Ao que se tem conhecimento, em todos os povos primitivos, encontra-se as narrativas mitológicas da criação e do dilúvio. Porém, não poderia defini-los apenas como história ou mito, porque o arco histórico dessas narrativas cobre um período muito longo e inúmeras culturas, além de nelas variarem de contos, histórias primitivas, mitos e épicos mitos.<sup>6</sup>

“Histórias das origens” (*Urgeschichte, primeval history*), dizíamos: tal é a designação corrente que os exegetas atribuem geralmente aos onze primeiros capítulos do Gênesis com base nas primeiras palavras do livro (*beresit*, “num início”). Com efeito, trata-se nesses capítulos da origem do mundo e da humanidade, de fatos de civilização (a criação de animais, a agricultura, a viticultura, o urbanismo ...) e de cultura (a divisão dos povos segundo os continentes, as nações e línguas...). [...] ali estão as leis fundamentais que regem o cosmo (o tempo, o espaço, a vida e a morte, a bênção e o castigo), instituídas por Deus, a realização de gestos essenciais, como o sacrifício ou a oração, e emoções como a alegria e a vergonha, ali sentidas pela primeira vez.<sup>7</sup>

<sup>3</sup>GALVAGNO, Germano; GIUNTOLI, Federico. **Pentateuco**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2020, p. 17.

<sup>4</sup>Ibidem, p. 27.

<sup>5</sup>Ibidem, p. 28.

<sup>6</sup>WESTERMANN, Claus. **Genesis: an introduction**. Minneapolis: Fortress Press, 1992, p. 12.

<sup>7</sup>UEHLINGER, Christoph. Capítulo 3: Gênesis 1-11. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (orgs.). **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 145.

Pela natureza própria da narrativa, o relato de Gn 1-11 não pode ser classificado como um mero mito ou uma saga, mas claramente se enquadra a uma doutrina sacerdotal. Assim, a tradição sacerdotal (P) coloca por escrito uma antiga sabedoria judaica que era transmitida oralmente e que constantemente era ensinada e aprimorada pelas novas experiências de fé que o povo vivia. “Seu esboço final, que deu origem ao texto que temos hoje, pode remontar à época do exílio; mas suas raízes e seu ponto de partida já se encontram na antiga comunidade de Javé”.<sup>8</sup>

Também nesse gênero de literatura como foi a patriarcal, a intenção é primariamente teológica e *querigmática*. O Deus delineado em Gn 1-11 é um Deus universal – poder-se-ia dizer cósmico – ao qual estão sujeitos tanto o universo inteiro como todos os povos do mundo. [...] à luz disso, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, precisamente em virtude desses primeiros capítulos não será simplesmente uma divindade local ou tribal, ligada a pequeníssimos *clãs* ou exclusiva de determinadas pessoas ou realidades. Ao contrário, Ele é o Deus criador de todo o universo, do qual tudo o que existe – povos e nações inclusive – recebe força, energia e vida.<sup>9</sup>

O Pentateuco, por muito tempo, é objeto de estudo pelos estudiosos das ciências literárias, exegéticas e bíblicas. Vale destacar o importante trabalho de Julius Wellhausen (1844-1918) que consagrou, no âmbito acadêmico, a nova hipótese documentária propondo a junção de quatro documentos na composição do Pentateuco (Javista, Eloísta, Deuteronomista e Sacerdotal) o que explicaria as duplicações textuais, repetições, contradições e variações do nome divino. Com a hipótese documentária, Wellhausen consegue datar os documentos escritos que compõem o Pentateuco. Nesta hipótese, o documento Javista seria o mais antigo, redigido no sul da terra prometida em fases sucessivas, desde a época de Davi até provavelmente a libertação de Edom sob Jorão (848-841 a.C.). Já o documento Eloísta, seria originário do Reino do Norte, de 770, aproximadamente, até 721 a.C. O livro do Deuterônomo conteria o livro da Lei encontrado no Templo de Jerusalém, durante o reinado do rei Josias (622 a.C.). Quanto ao documento sacerdotal, Wellhausen o colocou no período pós-exílio da Babilônia (século V a.C.). A redação final dos livros teria sido realizada por volta do ano 400 a.C.<sup>10</sup>

Até meados do século XX, a tese de Julius Wellhausen prevaleceu no meio acadêmico. Na década de 70, algumas vozes se levantam contrárias à tese Wellhausen, principalmente por causa das datações propostas. Assim, levantou-se a problemática da

<sup>8</sup>WEISER, Artur (org.). **Antico Testamento**. Brescia: Paideia Editrice, 1978, p. 76.

<sup>9</sup>GALVAGNO; GIUNTOLI, 2020, p. 238.

<sup>10</sup>SKA, Jean Louis. **Introdução à leitura do Pentateuco**: chave para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

possível datação da escrita, contexto histórico e os objetivos do autor para a sua elaboração. Desde meados dos anos 70, novos paradigmas foram sendo elaborados para uma melhor compreensão e estudo do Pentateuco. Nesse período, surgem diversos livros, colocando em dúvida os fundamentos dos elementos da hipótese documentária e tudo o que ela havia posto em questão, no século XIX, por Julius Wellhausen. Por exemplo, a autoria do Pentateuco já não era mais de Moisés, mas de vários extratos redacionais compilados num determinado tempo histórico. Ainda se remetia a autoria aos profetas. Enfim, percebe-se uma verdadeira crise sobre os fundamentos da hipótese documentária e de teólogos que queriam sustentá-la.<sup>11</sup>

Esse período apresenta três características específicas: a experiência da crise, a experiência da complexidade e o descrédito das ideologias. O progressivo interesse pelo período exílico/pós-exílico tem suas raízes na consciência, mais ou menos clara, de que o mundo do Atlântico Norte vive uma crise semelhante.<sup>12</sup>

Nesse contexto, como já não se admite um possível movimento de escrita anterior à monarquia de Israel (século XI-X a.C.), mas um processo pós-exílio da Babilônia (século V a.C.), a datação proposta por Wellhausen, em parte é desacreditada, mudando toda a estrutura da hipótese documental.<sup>13</sup>

O documento sacerdotal e a literatura deuteronomista são os poucos elementos da antiga hipótese documentária que têm sobrevivido aos *tsunamis* da década de 1970. Tratarei primeiro do Documento Sacerdotal (P). Vimos que a pesquisa atual distingue - pelo menos de acordo com uma maioria de estudiosos - entre as narrativas e as leis do Documento Sacerdotal (P) e aquelas da escola que se expressa na Lei de Santidade (H, do alemão *Heiligkeitsgesetz*).<sup>14</sup>

A ideia mais aceita, no campo da pesquisa bíblica, é que o Pentateuco se formou, fundamentalmente, após o exílio da Babilônia. Logo após a vitória persa sobre o império babilônico, em 539 a.C., o rei da Pérsia, Ciro, publica um decreto autorizando os judeus retornarem para a Judeia e reconstruir sua pátria, conseqüentemente, o templo de Jerusalém.<sup>15</sup>

<sup>11</sup>RENDTORFF, Rolf. A história bíblica das origens (Gn 1-11) no contexto da redação “Sacerdotal” do Pentateuco. In: PURY, Albert de (org.). **O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

<sup>12</sup>SKA, 2003, p. 143.

<sup>13</sup>Ibidem.

<sup>14</sup>SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral (orgs.). **Pentateuco: da formação à recepção: contribuições ao VII Congresso ABIB-UMESP**. São Paulo: Paulinas, 2016a, p. 36.

<sup>15</sup>RÔMER, Thomas. **A chamada história deuteronomista**; introdução sociológica, histórica e literária. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



O que podemos é só constatar que os profetas em nada se pronunciam sobre os atos internos do culto, nem numa terminologia “sacerdotal” nem numa outra qualquer. A comparação com os profetas não permite, pois responder à questão da idade dessa linguagem cultural interna.<sup>16</sup>

Coube a Neemias e Esdras a missão direta e pessoal do rei persa, dando-lhes autonomia para iniciar essa reconstrução. O rei da Pérsia concedeu à província da Judeia autonomia política e religiosa.<sup>17</sup> Assim, inicia-se o processo de escrita, observando a tradição oral e até possíveis extratos escritos da própria história do povo de Israel, seus costumes e eleição.

Por essas razões internas e externas, formou-se o Pentateuco atual e as suas composições foram unidas numa obra só, que se tornou o documento oficial da autorização persa. Em outras palavras, o Pentateuco era, aos olhos das autoridades persas, a lei oficial do império para os israelitas, especialmente na província de Judá.<sup>18</sup>

O movimento profético desse período tratou de temas escatológicos e apocalípticos, enfatizando o fim do domínio estrangeiro sobre Israel. Iahweh não é apenas a divindade de Israel, mas torna-se o único Deus real, formaliza-se a teologia e a religião monoteísta judaica. Desenvolve-se o tema da eleição de Israel por Iahweh.<sup>19</sup>

A escola sacerdotal produziu, durante o período babilônico e o início do período persa, um documento que começava com a criação do mundo (Gn 1) e terminava com a instituição do culto sacrificial (Lv 9). Este documento foi depois ampliado com o acréscimo das leis rituais, de pureza e outras leis contidas no livro do Levítico.<sup>20</sup>

Ao invés de deixar-se absorver pela cultura persa e mesopotâmica, o povo de Israel busca salvaguardar sua identidade, só podendo fazê-lo graças à autorização do rei da Pérsia e das instituições sacerdotais e dos anciãos “que sobreviveram ao exílio e que assumiram a direção de todo o movimento de volta”.<sup>21</sup>

A chave de compreensão reside na proclamação do Pentateuco como Torá de Israel, reconhecida como direito imperial persa. Como documento jurídico oficial, o Pentateuco não poderia de forma alguma conter um relato da conquista violenta das principais províncias vizinhas e sua doação em partilha a Israel. Muito menos poderia compilar as tradições do livro de Samuel, orientadas para um Estado

<sup>16</sup>RENDTORFF, 1996, p. 93.

<sup>17</sup>CRÜSEMANN, Frank. O Pentateuco, uma Torá. Prolegômenos à interpretação de sua forma final. In: PURY, Albert de (org.). **O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

<sup>18</sup>SKA, 2003, p. 149.

<sup>19</sup>CRÜSEMANN, 1996; RÖMER, 2008.

<sup>20</sup>RÖMER, 2008, p. 179.

<sup>21</sup>SKA, 2003, p. 242.

nacional soberano. Só mais tarde, e com um estatuto inferior, esses “profetas anteriores” se tornariam com os “profetas posteriores”, uma parte do cânon.<sup>22</sup>

Lendo o Pentateuco por completo, numa unidade, percebe-se que esse conjunto de livros não objetivava apenas serem livros jurídicos para ordenar a vida da província da Judeia, mas também demonstrar as condições para fazer parte do povo judeu. Ou seja, seriam judeus, os que cumprissem dois critérios: “laços de sangue” e o “contrato social”.<sup>23</sup> O primeiro compete à descendência de Abraão, Isaac e Jacó; o segundo é o contrato social-religioso mediante a aliança<sup>24</sup>.

Nesse ambiente de formação do Pentateuco, é que se encontra o bloco narrativo Gn 1-11, que muito causou controvérsia interpretativa, porque sempre se buscou uma datação para os acontecimentos descritos, chegando à conclusão que são narrativas mitológicas. Gn 1-11 precisam ser interpretados teologicamente e não historicamente. “Esse significado não é encontrado em sua historicidade, mas em sua teologia; não *no que* aconteceu (ou mesmo *se de fato* aconteceu), mas no *porquê* de ter acontecido”.<sup>25</sup>

Assim, mesmo tomando o relato do dilúvio como metáfora ou mito, ainda se pergunta o porquê desse relato na Torá. Shubert Spero (1999) sugere que o autor do relato leva o leitor a ater-se no que é universal da história, ou seja, toma esse evento como algo que já aconteceu muitas vezes antes e por isso se universaliza o relato.

A história do Dilúvio é uma metáfora estruturada como uma analogia para nos contar sobre todas as destruições e extinções que ocorreram no passado pré-histórico. É uma história sobre a sobrevivência dos merecedores e dos aspectos do universo (clima, estabilidade, flora e fauna) que são pré-requisitos para o desenvolvimento do homem na terra, material, social e culturalmente. Também explica por que o restante da história bíblica ocorre no Crescente Fértil. Mais importante, ele fala de uma aliança divina com o homem, na qual a estabilidade e a regularidade da natureza são garantidas.<sup>26</sup>

<sup>22</sup>CRÜSEMANN, 1996, p. 294.

<sup>23</sup>SKA, 2003, p. 239.

<sup>24</sup>O termo hebraico para aliança (*b<sup>e</sup>rît*) designa literalmente um tratado ou acordo. Em 1Sm 17,8, uma derivação do termo (*b<sup>e</sup>rû*) é usado como “escolha”. O significado desse termo tem uma estreita relação com a leitura teológica que caracterizou a tentativa de entendê-lo. Nesse sentido, todo o Antigo Testamento, principalmente o Pentateuco, apresenta o desenvolvimento histórico da aliança de Deus com o seu povo escolhido (eleito). Desde a criação, Deus estabelece essa aliança, com Noé (Gn 6-9) ela é refeita e uma nova ordem cósmica é estabelecida (VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário de teologia e exegese**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011, verbete: “aliança”).

<sup>25</sup>LONGMAN, Tremper; WALTON, John H. **O mundo perdido do dilúvio: teologia, mitologia e o debate sobre os dias que abalaram a Terra**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 28.

<sup>26</sup>SPERO, Shubert. The biblical stores of creation, garden of Eden and the flood: history or metaphor? **Rabbinical Council of America**. Tradition 33:2, 1999, p. 16.

Pela falta de provas geológicas e arqueológicas, um evento cataclismo universal é praticamente descartado. Porém, no mundo antigo, principalmente na Mesopotâmia, eram conhecidas inundações de rios ou até mesmo de dilúvios em áreas específicas. “A pergunta é: Qual era a intenção de Deus? Por que ele enviou um dilúvio?”.<sup>27</sup> Uma narrativa histórica é sempre modelada segundo um estado de vida (histórico, social, econômico, cultural, etc.) e preenchida de retórica, atendo-se aos detalhes mais importantes a respeito do acontecimento. “Além do mais, autores contam a história a partir de sua visão de mundo, razão pela qual estudiosos bíblicos que trabalham a partir do método histórico-crítico não endossam a descrição do passado oferecida pelos historiadores bíblicos”.<sup>28</sup>

Uma vez que não é o objetivo a datação do evento histórico do dilúvio, a pesquisa ater-se-á na explanação, ainda que introdutória, das duas tradições que compuseram a narrativa do episódio, para poder encontrar, no decurso do trabalho, a datação da escrita e o contexto vital que envolvia o autor de Gn 6-9.

### 1.1 AS DUAS TRADIÇÕES: JAVISTA E SACERDOTAL

Dentro da narrativa de Gn 6-9, percebem-se duas narrativas paralelas, como duplicatas, quase autônomas, apesar de falarem do mesmo evento. Desde a hipótese documentária de Julius Wellhausen, não se questiona a presença dessas duas tradições nesse relato, questionou-se a datação da escrita delas. Essas tradições são a Javista e a Sacerdotal.

Segue um quadro com os paralelos das duplicadas das narrativas com os seus respectivos textos retirado da obra de Jean-Louis Ska<sup>29</sup>. Aqui se utilizará a tradução da Bíblia de Jerusalém<sup>30</sup>.

Tradição Javista (J)		Tradição Sacerdotal (P)	
Versículos	Texto	Versículos	Texto
6,5	Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração.	6,11-12	A terra se perverteu diante de Deus e encheu-se de violência. Deus viu a terra: estava pervertida, porque toda carne tinha uma conduta perversa sobre a terra.
6,7		6,13	

<sup>27</sup>LONGMAN; WALTON, 2019, p. 75.

<sup>28</sup>LONGMAN; WALTON, 2019, p. 33.

<sup>29</sup>SKA, Jean Louis. **Antigo testamento 2: temas e leituras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

<sup>30</sup>BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

	<p>E disse Iahweh: “Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei - e com os homens os animais, os répteis e as aves do céu - porque me arrependo de os ter feito”.</p>		<p>Deus disse a Noé: “Chegou o fim de toda carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa dos homens, e eu os farei desaparecer da terra”.</p>
7,4	<p>“Porque, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, e farei desaparecer da superfície do solo todos os seres que eu fiz”.</p>	6,17	<p>“Quanto a mim, vou enviar o dilúvio, as águas, sobre a terra, para exterminar de debaixo do céu toda carne que tiver sopro de vida: tudo o que há na terra deve perecer.</p>
7,1	<p>Iahweh disse a Noé: “Entra na arca, tu e toda a tua família, porque és o único justo que vejo diante de mim no meio desta geração.</p>	6,18	<p>Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo.</p>
7,2-3	<p>De todos os animais puros, tomarás sete pares, o macho e sua fêmea; dos animais que não são puros, tomarás um casal, o macho e sua fêmea (e também das aves do céu, sete pares, o macho e sua fêmea), para perpetuarem a raça sobre toda a terra.”</p>	6,19-20	<p>De tudo o que vive, de tudo o que é carne, farás entrar na arca dois de cada espécie, um macho e uma fêmea, para os conservares em vida contigo. De cada espécie de aves, de cada espécie de animais, de cada espécie de todos os répteis do solo, virá contigo um casal, para os conservares em vida.”</p>
7,7-9	<p>Noé - com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos - entrou na arca para escapar das águas do dilúvio. (Dos animais puros e dos animais que não são puros, das aves e de tudo o que rasteja sobre o solo, um casal entrou na arca de Noé, um macho e uma fêmea, como Deus ordenara a Noé.)</p>	7,13-16	<p>Nesse mesmo dia, Noé e seus filhos, Sem, Cam e Jafé, com a mulher de Noé, e as três mulheres de seus filhos, entraram na arca, e com eles as feras de toda espécie, os animais domésticos de toda espécie, os répteis de toda espécie que rastejam sobre a terra, os pássaros de toda espécie, todas as aves, tudo o que asas. Com Noé, entrou na arca um casal de tudo o que é carne, que tem sopro de vida, e os que entraram</p>

<p>7,10</p> <p>Passados sete dias chegaram as águas do dilúvio sobre a terra.</p>	<p>eram um macho e uma fêmea de tudo o que é carne, conforme Deus lhe ordenara.</p>
<p>7,17</p> <p>Durante quarenta dias houve o dilúvio sobre a terra; cresceram as águas e ergueram a arca, que ficou elevada acima da terra.</p>	<p>7,11</p> <p>No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do segundo mês, nesse dia jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu.</p> <p>7,18</p> <p>As águas subiram e cresceram muito sobre a terra e a arca flutuava sobre as águas.</p>
<p>7,22-23</p> <p>Morreu tudo o que tinha um sopro de vida nas narinas. Isto é, tudo o que estava em terra firme. Assim, desapareceram todos os seres que estavam na superfície do solo, desde o homem até os animais, os répteis e as aves do céu; eles foram extintos da terra; ficou somente Noé e os que estavam na arca.</p>	<p>7,20-21</p> <p>As águas subiram quinze côvados mais alto, cobrindo as montanhas. Pereceu então toda carne que se move sobre a terra: aves, animais domésticos, feras, tudo o que ferve sobre a terra, e todos os homens.</p>
<p>8,2b</p> <p>deteve-se a chuva do céu</p>	<p>8,2a</p> <p>Fecharam-se as fontes do abismo e as comportas do céu</p>
<p>8,3a</p> <p>e as águas pouco a pouco se retiraram da terra</p>	<p>8,3b.5</p> <p>as águas baixaram ao cabo de cento e cinquenta dias. As águas continuaram escoando até o décimo mês e, no primeiro dia do décimo mês, apareceram os picos das montanhas.</p>
<p>8,21-22</p> <p>Iahweh respirou o agradável odor e disse consigo: “Eu não amaldiçoarei nunca mais a terra por causa do homem, porque os desígnios do coração do homem são maus desde sua infância; nunca mais destruirei todos os</p>	<p>9,8-17</p> <p>Deus falou assim a Noé e a seus filhos: “Eis que estabeleço minha aliança convosco e com os vossos descendentes depois de vós, e com todos os seres animados que estão convosco: aves, animais, todas as feras, tudo o que saiu da</p>

viventes, como fiz.  
Enquanto durar a terra,  
semeadura e colheita, frio e  
calor, verão e inverno, dia e  
noite não hão de faltar”.

arca convosco, todos os animais da  
terra.

Estabeleço minha aliança  
convosco: tudo o que existe não  
será mais destruído pelas águas do  
dilúvio; não haverá mais dilúvio  
para devastar a terra”.

Disse Deus: “Eis o sinal da aliança  
que instituo entre mim e vós e  
todos os seres vivos que estão  
convosco, para todas as gerações  
futuras:

porei meu arco na nuvem e ele se  
tornará um sinal da aliança entre  
mim e a terra.

Quando eu reunir as nuvens sobre a  
terra e o arco aparecer na nuvem,  
eu me lembrarei da aliança que há  
entre mim e vós e todos os seres  
vivos: toda carne e as águas não  
mais se tornarão um dilúvio para  
destruir toda carne.

Quando o arco estiver na nuvem, eu  
o verei e me lembrarei da aliança  
eterna que há entre Deus e os seres  
vivos com toda carne que existe  
sobre a terra”.

Deus disse a Noé: “Este é o sinal da  
aliança que estabeleço entre mim e  
toda carne que existe sobre a terra”.

Percebe-se que no decorrer da narrativa alguns versículos não são contemplados pelas duas tradições. A tendência dos biblistas é de aceitar um redator final da narrativa que buscou harmonizar os documentos Javista e Sacerdotal e descartam uma suposta terceira tradição, porque não são acréscimos autônomos. “[...] se o Javista, como grande teólogo de cortes iluminadas que era, no prosseguimento da especulação exegética tornou-se o anti-herói de um exilado entre os exilados, assim como antes temos observado, o Eloísta foi simplesmente feito desaparecer de cena”.<sup>31</sup>

<sup>31</sup>GALVAGNO; GIUNTOLI, 2020, p. 161.

O subitem seguinte discorrerá um pouco sobre as duas tradições verificadas na narrativa do dilúvio, ressaltando algumas características e possível datação de escrita.

### 1.1.1 Javista

O relato “Javista” recebe esse nome, porque utiliza o tetragrama YHWH para se referir a Deus. Comumente, o nome divino expresso pela tradição Javista não é pronunciado, quando se faz a leitura utiliza-se o nome “Senhor”. A sigla para esse relato é “J”, porque vem do alemão “*Jahwist*”.<sup>32</sup>

J. Van Seters, M. Rose, dentre outros biblistas, estão de comum acordo, em considerar a tradição Javista como uma historiadora que buscou “formar a consciência e a identidade do povo de Israel a partir de seu passado”.<sup>33</sup>

Apesar da resistência de alguns exegetas, parece cada vez mais difícil falar de uma obra javista na época de Salomão, e por muitas razões. Dificilmente a teologia de alguns textos atribuídos a J pode ser anterior à pregação dos primeiros profetas e às primeiras sínteses da obra deuteronomica. Os estudos sobre a religião de Israel não sugerem a presença dessa teologia nos primórdios da história do povo eleito.<sup>34</sup>

O relato Javista sobre o dilúvio não é completo, portanto, pouco provável seja anterior ao relato Sacerdotal do dilúvio. Trata-se de uma série de fragmentos redacionais, que, por exemplo, não fala da saída da arca<sup>35</sup> de Noé e nem da aliança após o dilúvio. Portanto, “a hipótese mais simples seria a de considerar estas partes, tradicionalmente atribuídas ao J, como redações mais tardias do relato sacerdotal”.<sup>36</sup>

Conclui-se, pois, que sobram razões para pensar que J - se é que realmente existiu - não é obra muito antiga. Na verdade, seria fruto de um trabalho redacional sobre ciclos narrativos anteriores. Permanece, por enquanto, questão aberta saber se J foi composto antes (Zenger), durante (Levin) ou depois do exílio (Rose, Van Seters).<sup>37</sup>

<sup>32</sup>SKA, 2018, p. 33.

<sup>33</sup>Idem, 2003, p. 151.

<sup>34</sup>Ibidem, p. 157.

<sup>35</sup>No hebraico existem dois termos para designar “arca”: *tēbā* e *ʿrôn*. O primeiro refere-se à arca, propriamente dito como embarcação aquática, usado, por exemplo, para referir-se ao cesto onde se colocou Moisés (Ex 2,3.5). Diferente do segundo termo que se refere a uma caixa, usado sempre quando se refere a arca da aliança (por exemplo: Gn 50,26; Ex 25,22; 26,33.34; 30,6; Nm 10,33; Dt 10,8; 31,9). A versão dos LXX não distingue os dois termos e traduz ambos como sendo *kibōtos*. Na mesma esteira da Septuaginta, a Vulgata traduz ambos os termos como “*arca*” (VANGEMEREN, 2011, verbete: “arca”).

<sup>36</sup>SKA, 2018, p. 36.

<sup>37</sup>Idem, 2003, p. 158.

Devido à inconsistência dessa tradição, alguns biblistas preferem nomeá-la como textos “não-sacerdotais” e quiçá se abandonaria até mesmo a sigla J.<sup>38</sup> Nesse contexto, maior ênfase se deu no relato da tradição sacerdotal, porque ela apresenta uma versão mais completa e consistente do dilúvio.

### 1.1.2 Sacerdotal

O relato “Sacerdotal” vai tratar especificamente de temas sacerdotais, como por exemplo, o sacerdócio, o culto, a aliança, etc. A sigla utilizada para ele é a “P”, por causa do termo em alemão *Priesterschrift* que significa, literalmente, “escrito dos padres”.<sup>39</sup>

Não diferente do relato Javista, o relato Sacerdotal também sofreu duras críticas sobre sua composição e datação. Muitos quiseram afirmar que era uma narrativa incompleta e seria um simples comentário aos extratos escritos que já existiam.

A solução dessa problemática está em estudar o relato sacerdotal por inteiro. [...] P conhece as fontes antigas e as supõe conhecidas pelo leitor. Dialoga com essas tradições, corrige-as, interpreta-as e propõe uma nova visão da história de Israel, desenvolvendo uma teologia própria, *independente*, mas sempre em *relação* com as tradições antigas.<sup>40</sup>

Nesse sentido, seria importante a distinção entre história e o discurso. “História é a realidade que o leitor reconstrói ao ler o texto; discurso é o texto concreto. A narrativa sacerdotal utiliza constantemente esses dois teclados, enquanto toca sua música”.<sup>41</sup> Compete ao leitor reconstruir a história universal a partir da história de Israel narrada e discursada por P.

Algumas características sobre essa tradição são bem peculiares e próprias dela. Por exemplo, ela utiliza sempre o verbo “criar” (*barah*) apenas como ação divina (cf. Gn 1,1.21.27; 2,3.4a; 5,1). Diferente da tradição J que usa sempre o verbo “plasmar” (*ytser*, cf. Gn 2,7) e nunca “criar”. No estilo P, há certas duplicadas na narrativa, contudo percebe-se que é uma estilística narrativa<sup>42</sup>. Como por exemplo, “o duplo ingresso na arca, 7,7-9 e 7,13-16a, não são, de modo algum, sinais da presença de duas versões, mas uma característica desta

<sup>38</sup>Ibidem.

<sup>39</sup>SKA, 2018, p. 33.

<sup>40</sup>Idem, 2003, p. 160.

<sup>41</sup>Ibidem, p. 167.

<sup>42</sup>Sobre as técnicas de repetição, conferir a obra: ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 137-173.



fonte. Quando o autor sacerdotal narra um evento importante, ele o descreve duas vezes” (SKA, 2018, p. 36). Outro exemplo é a preocupação da tradição P em refinar a teologia israelita, tratando da causa do dilúvio como sendo a “violência”.<sup>43</sup>

A tradição P teve como objetivo reconstruir a comunidade de Israel sobre bases sólidas e para ela seria apenas as bases religiosas. Por isso, no relato sacerdotal, encontra-se duas alianças uma com Noé (Gn 9,1-17), outra com Abraão (Gn 17). Ainda se tem quatro pecados: o primeiro é a violência da geração do dilúvio (Gn 6,11.13); o segundo a brutalidade dos egípcios (Ex 1,13-14); o terceiro é a depreciação da terra (Nm 13,32); e o quarto Moisés e Aarão não santificam o nome de YHWH (Nm 20,12). E para cada pecado haveria seu castigo correspondente.<sup>44</sup>

## 1.2 SOBRE A NARRATIVA GN 6-9

O nome do personagem central do dilúvio designa a sua missão e a confunde com a missão do próprio Deus em relação ao seu povo. O nome Noé tem como significado “repousar” ou “dar repouso”, isto é, o próprio Deus concede repouso a seu povo na Terra Prometida.

No livro do profeta Ezequiel (14,14), o profeta já declarava Noé como um destinatário da justiça divina, uma vez que Deus se compadeceria, livraria a terra da fome, de toda a terra por causa do justo.<sup>45</sup> O contexto é do pós-exílio de Israel, quando o povo passa dificuldades em obter os mínimos necessários para a sobrevivência. Desse modo, a adaptação e inculturação literária dos mitos mesopotâmicos se tornam uma leitura teológica que faz descobrir o real significado de Gn 6-9. Não se pode apenas se deter no texto como se fosse uma composição isolada em nível literário e cultural, mas ir além dele e encontrar o seu sentido teológico.<sup>46</sup>

A leitura sacerdotal é percebida com a relação que há entre os textos de P com

os dois grandes profetas do final do exílio ou logo após o exílio, a saber, Ezequiel e o Deutero-Isaías. Ezequiel e P compartilham a teologia da glória e do reconhecimento de YHWH e uma visão semelhante da história de Israel (Ez 20 e Ex

<sup>43</sup>SKA, 2018.

<sup>44</sup>SKA, 2003, p. 166.

<sup>45</sup>LEWIS, Jack P. **A study of the interpretation of Noah and the flood in Jewish and Christian literature.** Leiden: J. Brill, 1978, p. 7.

<sup>46</sup>BLINKINSOPP, Joseph. **Creazione, de-creazione, nuova creazione.** Introduzione e commento a Genesi 1-11. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2011, p. 187.

6,2-8). O Deutero-Isaías insiste, como Os, no nexa entre a criação e redenção e no monoteísmo.<sup>47</sup>

O escritor do texto relata que Noé introduziu na arca todos os tipos de alimentos que podiam ser consumidos de acordo com a ordem estabelecida na criação (Gn 1-2,4a) e que foi revogada após o dilúvio (Gn 9,2-4).

Esta informação, retirada da fonte P, contrasta com a distinção entre animais ritualmente puros e impuros na fonte suplementar J, uma distinção necessária em vista do sacrifício a ser oferecido na saída da arca (Gn 7,2-3; 8,20-22). [...] a fonte P simplesmente menciona um macho e uma fêmea de cada ser vivo, o mínimo necessário para repovoar a terra na criação renovada (Gn 6,19-20).<sup>48</sup>

Dado o exposto até aqui, pode-se supor um período redacional de quatro séculos, ou seja, desde a libertação do exílio da Babilônia (século VI a.C.) até os últimos escritos em grego (século II a.C.). Um maior número de exegetas concorda que o extrato Sacerdotal é o mais antigo, datado após o primeiro retorno do povo do exílio babilônico, depois de 530 a.C.<sup>49</sup>

[...] considera P um escrito pós-exílico, mais precisamente do primeiro pós-exílio, isto é, da época do primeiro retorno. A redação teria sido composta para convencer os exilados a voltar para Jerusalém, e a situação simbólica seria a do deserto, entre o Egito (Babilônia) e a terra prometida. Todavia, há ainda autores que pensam numa data pré-exílica.<sup>50</sup>

Em contrapartida, considera-se o extrato atribuído ao Javista (J) uma série de acréscimos muito recentes. Essa ideia pode ser confirmada com a primeira alusão de Noé e do dilúvio que se encontra em Is 54,9-10.<sup>51</sup>

Comparando o Pentateuco com o Texto Massorético, o Pentateuco Samaritano, a Septuaginta e os documentos de Qumrã<sup>52</sup>, pode-se induzir que existem traços de trabalhos dos escribas no Pentateuco canônico. O documento P foi composto durante o primeiro retorno do

<sup>47</sup>SKA, 2003, p. 172.

<sup>48</sup>BLINKINSOPP, 2011, p. 196.

<sup>49</sup>SKA, Jean Louis. **O canteiro do Pentateuco**. São Paulo: Paulinas, 2016b.

<sup>50</sup>Idem, 2016a, p. 37.

<sup>51</sup>Ibidem; Idem, 2016b.

<sup>52</sup>Em meados do século passado (XX), foram encontrados nas cavernas de Qumran inúmeros manuscritos: fragmentos de textos do Antigo Testamento, cópias de livros do cânon hebraico, denominados Manuscritos do Mar Morto, que datam, possivelmente dos primeiros séculos da era cristã. Para saber mais: ROST, Leonard. **Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos**: do Antigo Testamento e aos Manuscritos do Qumran. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2004.

exílio da Babilônia com o objetivo de convencer os exilados a voltarem para a terra prometida. Contudo, como convencê-los?<sup>53</sup>

O documento sacerdotal percebe que a realização do plano divino se dá na história do povo de Israel e dá a seus escritos um tom teológico que sobrepõe as tradições posteriores a ele. Por exemplo, em P, o Deus de Israel (Elohim, e após Ex 6,2-8, Iahweh) fala frequentemente, o que não ocorre nas demais tradições que limitam as falas divinas.

Em P, Deus reescreve e programa a história, dividida em dois grandes momentos: a história do universo e a história de Israel, sendo que a primeira se subdivide em criação (Gn 1-5) e a renovação da criação, pelo dilúvio (Gn 6-9). A história de Israel também se subdivide em dois momentos: história dos antepassados (patriarcas) e história do povo. Os textos mais importantes são Gn 1,1-2,4a; 9,1-17; 17; Ex 6,2-8. O Deus do universo é Elohim; o Deus dos antepassados de Israel, El Shaddai; o Deus do povo, YHWH.<sup>54</sup>

Para se referir ao dilúvio, a tradição sacerdotal recorre ao termo hebraico *mabbûl* (“dilúvio”, “inundação”). Depois do acontecido, o termo começou a significar o dilúvio como um evento temporal, isto é, uma marca no tempo para indicar o que aconteceu antes ou depois do dilúvio (Gn 10,1.32; 11,10).

Mas na única ocorrência do termo fora de Gênesis, no Salmo 29 (v.10), ele pode ter um significado mais primitivo e básico. O Salmo 29 faz parte dos salmos que louvam a Deus como Senhor da criação e triunfam sobre as forças do caos e da desordem: YHWH está entronizado sobre as águas [*mabbûl*]. YHWH se assenta no trono como rei para sempre.<sup>55</sup>

Nesse sentido, o documento P elabora uma profunda argumentação teológica que fundamenta a identidade do povo eleito por Deus, esta eleição que perpassa toda a história, e desmantela a religião da Mesopotâmia.

A fonte J percebe no homem uma inclinação, ou melhor, uma realidade inextricável ao mal do coração humano (Gn 8,21) e mesmo assim Deus ainda aceita os limites da capacidade moral do homem. Porém, existe ainda um mundo que foi danificado e precisa de reparação e controle de danos. Este controle começa pela proibição de comer carne com sangue, uma vez que existe um vínculo da “oferta de sangue, animal ou humano, como meio de comunicação com os mortos em cultos de um tipo certamente praticado em Israel na época da monarquia. Sob essa concepção, os mortos podem ser reanimados e se comunicar somente após beber

<sup>53</sup>SKA, 2016a; Idem, 2016b.

<sup>54</sup>Idem, 2003, p. 168.

<sup>55</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 197.

sangue”.<sup>56</sup> Indica-se, assim, um culto ritual a ídolos, como consta em 2Rs 21,1-18, no reinado de Manassés em Judá, nos anos 687-642 a.C. Manassés fez holocaustos de crianças em Jerusalém para consultar adivinhos, necromantes e outras abominações, provocando a ira de Deus que promete “limpar Jerusalém como se limpa um prato” (2Rs 21,13), isto é, com água e com a concavidade para baixo.

[...] o *mabbûl* não é apenas o dilúvio como um evento, mas também é a fonte do dilúvio, ou seja, o abismo ou a profundidade (*ʿhom*) do relato da criação (Gn 1,2). De acordo com P, o dilúvio ocorreu quando “todas as fontes do grande abismo [*ʿhom rabbâ*] irromperam e as janelas do céu se abriram” (Gn 7,11). Na primeira criação, Deus separou as águas acima do firmamento das águas abaixo do firmamento para dar lugar à terra seca e, portanto, ao desenrolar da história humana (Gn 1,6-10). [...] O dilúvio é a destruição do que foi feito na criação, o retorno ao caos, o cancelamento do espaço precário em que a vida humana ordenada pode acontecer. É, portanto, um ato de des-criação. [...] A tradução de *ʾarubbâ* como “janela” é tradicional (por exemplo, fenestra na Vulgata e na maioria das versões em inglês), mas é um tanto enganosa. Refere-se a aberturas no firmamento sólido, mas também aos buracos para a saída da fumaça (Os 13,3) e aos buracos nos pombais (Is 60,8).<sup>57</sup>

Quanto ao dismantelamento dos mitos mesopotâmicos<sup>58</sup>, tinha-se a epopeia de Gilgamesh “que buscava justificar as pretensões políticas da cidade ou do povo que compõe esses mitos de fundação”, além do mito de *Enuma Elish*, sobre a criação do povo mesopotâmico e outros mitos de Baal. Em contraposição a essa realidade, já que Israel nunca construiu um império, pois o povo tinha consciência que o único rei era o Senhor, “o Deus da criação, na Bíblia, ocupa-se de nada menos que do universo e de todas as nações que o povoam”.<sup>59</sup>

Neste ponto o autor insere outro tema narrativo: o sacrifício oferecido por Noé, também retomado e adaptado por Gilgamesh (Gn 8,20-22). O episódio não pôde ser retomado a partir da fonte P, pois, segundo o autor-sacerdote, apenas os sacerdotes-levitas podem oferecer o sacrifício, que foi oferecido pela primeira vez no Sinai.<sup>60</sup>

<sup>56</sup>Ibidem, p. 204.

<sup>57</sup>Ibidem, p. 198.

<sup>58</sup>A narrativa de um acontecimento cataclísmico como o dilúvio não é exclusividade da cultura hebraica. Alguns relatos de acontecimentos semelhantes foram encontrados em sumério, acádio e grego (escrito na época de Antíoco I, no ano de 281 a.C.). Alguns desses relatos, principalmente as tabuinhas em acádio e sumério têm inúmeras lacunas devido ao estado que elas foram encontradas, datadas antes do segundo milênio anterior à era cristã. Uma cópia do relato de alguns eventos como o dilúvio foi encontrada na biblioteca do rei assírio Assurbanipal, datada do século VII a.C., que a narrativa da epopeia de Gilgamesh completa. Nesta epopeia, Gilgamesh envia o dilúvio por meio do deus do mar Ea, que instrui Utnapishtim a construir uma embarcação e fugir com seus familiares, amigos íntimos e alguns animais. Depois do acontecido, tem-se a expectativa das melhores condições para desembarque e acontece o sacrifício aos deuses reunidos. Não obstante, antecedendo as narrativas dos cataclismos sempre se apresenta uma lista de reis que precederam o acontecimento. Em quase todos, elencam 10 reis, o mesmo número de gerações dos patriarcas judaicos descritos em Gn 5, capítulo precedente à narrativa do dilúvio (Gn 6-9) (VV.AA. **A criação e o dilúvio**: segundo os textos do Oriente Médio Antigo. São Paulo: Paulus, 1990).

<sup>59</sup>SKA, 2016a, p. 40.

<sup>60</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 200.

O episódio do dilúvio foi acrescentado para demonstrar quem era o antepassado de Utnapishtim, o herói do dilúvio. “Em poucas palavras, podemos claramente distinguir nessa evolução o trabalho de um “autor” da obra e de quem a amplia, corrige, modifica, atualiza ou acrescenta breves comentários à obra já existente”.<sup>61</sup>

Deus ao olhar a terra a percebe corrompida, e isso contrapõe amarga e drasticamente sua criação em Gn (1,31) que julgou ser muito boa a criação. O acento dado na corrupção moral, principalmente, na violência, que levou ao julgamento todos os seres vivos e à destruição das sociedades é o cumprimento da pregação profética, principalmente aos que profetizaram a destruição do reinado de Judá, ou seja, a destruição do centro político e religioso que era Jerusalém e de toda a terra prometida e dada por Deus a seu povo eleito. Não obstante a essa estreita relação, a tradição P em Gn 1-11 e a narrativa do profeta-sacerdote Ezequiel são compreensíveis, “porque a história dos primeiros homens é idêntica à de Israel, seguindo uma trajetória que vai da criação à destruição e a possibilidade de um novo começo”.<sup>62</sup>

Para demonstrar a carga teológica do documento P, um exemplo, é o uso do conceito “violência”. A causa da primeira catástrofe cósmica foi a “violência” humana.

Para descrever a maldade humana, o relato sacerdotal utiliza um conceito preciso, com uma forte carga teológica: violência. Para o relato sacerdotal, a causa do dilúvio é a “violência”, reinante entre todos os seres vivos, seres humanos e animais [...]. Na Bíblia, a palavra “violência” tem uma conotação social muito forte. Em alguns contextos equivale a “derramar sangue” (Is 59,6; Ez 7,23; 28,16) [...]. O relato sacerdotal retoma esta palavra para aplicá-la à primeira catástrofe cósmica, o dilúvio. Em outras palavras, para a tradição sacerdotal, aquela mesma “violência” provocou o dilúvio, nas origens, e na história, o fim do Reino do Norte e a destruição de Jerusalém. Profetas Oséias, Jeremias e Sofonias, comparam o exílio como dilúvio: Os 4,1-3; Jr 4,23-26; Sf 1,2-3.<sup>63</sup>

A grande questão está na relação existente entre a má conduta do homem, que é a causa do veredicto do dilúvio, e a inclinação natural do homem para o mal que leva a essa conduta má. É uma questão que não é resolvida a priori no relato do dilúvio. Ele vai ser retomado, principalmente, na lei da retaliação, que não se limita apenas ao assassinato (Ex 21,23-24) que será reformulada no princípio que rege os procedimentos judiciais, resumido na famosa expressão “olho por olho, dente por dente”. O homem deveria derramar o sangue daquele que derrama o sangue do homem, pois Deus fez o homem à sua imagem. “Todo

<sup>61</sup>SKA, 2016a, p. 71.

<sup>62</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 191.

<sup>63</sup>SKA, 2018, p. 37-38.

sangue pertence a Deus” (cf. Lv 1,5), mas sobretudo o sangue do homem, feito à sua imagem. Deus o vingará, e delega, para tanto o próprio homem: a justiça do Estado, é também os “vingadores do sangue” (Nm 35,19).<sup>64</sup>

“No decorrer da história, nunca teve boa divulgação, em parte por causa da antítese declarada no discurso do monte (Mt 5,38-39), mas, na realidade, visava a introdução de um princípio de equidade nos processos judiciais”.<sup>65</sup>

Então, as consequências negativas dessa acentuação da singularidade moral de Noé para seus contemporâneos são expressas em termos que claramente traem a mão do autor sacerdotal [...]. O epíteto *ṣaddīq* (justo, inocente) pertence à esfera forense e social em geral, enquanto *tāmīm* (sem culpa, sem mancha) tem conotações mais religiosas e cultas.<sup>66</sup>

“Na tradição exegética judaica, Noé não foi considerado exclusivamente. Por um lado, ele encontrou graça com Deus (Gn 6,8), estava certo (Gn 6,9), ele ajudou a aliviar o homem do trabalho e fadiga, provavelmente, e merecidamente, através do cultivo da videira (Gn 5,29)”. Noé torna-se para o povo de Israel o “arauto da justiça”, e ele é um dos justos pela fé do Israel Antigo.<sup>67</sup>

Por outro lado, Noé é mencionado como uma pessoa justa e irrepreensível no contexto de uma terra corrompida (Gn 6,9). Ele anda com Deus e somente a ele Deus anuncia a sua intenção de destruir toda a vida existente, ordenando-lhe que construísse uma arca, com quartos, coberta de piche, com as dimensões indicadas, etc. (Gn 6,13-16). Deus livra o justo da destruição, como por exemplo, o caso de Sodoma e Gomorra (Gn 18,22-33), que era bem conhecido dos grandes que morreram no dilúvio (Eclo 16,7; 1Mac 2,4; Sb 14,6).

Lembrar de Noé não é a reação de um Deus esquecido que de repente se lembra do que ele fez. Lembrar raramente é um processo puramente psicológico [...]. O mesmo é verdade para os muitos pedidos a Deus para lembrar que encontramos nos Salmos (por exemplo, Sl 25,6; 74,2; 89,48; 119,49) [...]. Deus se lembra de Noé quer nos induzir a pensar que Deus também se lembra de seu povo no exílio, seja no Egito (Ex 2,24; 6,5) ou na Babilônia (Lv 26,42.45).<sup>68</sup>

Deus reconhece que os desígnios do coração humano são maus (Gn 8,21) desde a infância. O coração na tradição bíblica não se refere apenas ao órgão muscular que bombeia sangue para todo o corpo. Mas simboliza o *locus* “das faculdades e da personalidade, de onde

<sup>64</sup>Nota “e” da Bíblia de Jerusalém referente à passagem Gn 9,6.

<sup>65</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 206.

<sup>66</sup>Ibidem, p. 190.

<sup>67</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 214.

<sup>68</sup>Ibidem, p. 199.

nascem pensamentos e sentimentos, palavras e decisões, ação. Deus conhece profundamente, quaisquer que sejam as aparências (1Sm 16,7; Sl 17,3; 44,22; Jr 11,20)”.<sup>69</sup>

O uso dos símbolos água e terra, na descrição do dilúvio, remonta ao caos primitivo e à criação do homem da terra firme e seu desenvolvimento que se dá nesta mesma terra. A terra seca depois do dilúvio é a analogia da “vida segundo o ideal desígnio divino, isto é, um ideal de harmonia pacífica e de justiça, e não de violência e brutalidade”.<sup>70</sup> Em síntese, o dilúvio seria um processo duplo: o da descrição e o da recriação do mundo, isto é, do seu povo.

E a morte, ou melhor, a destruição não seria meramente dos homens, mas “toda carne” (*kol-bāśār*) – Gn 6,12. Indicando assim um sentido amplo de corrupção moral que afetava tanto os animais quanto os homens, contrários dos animais da primeira criação, que eram bons. Nessa segunda geração ou criação predavam uns aos outros. Mas a destruição de animais, incluindo peixes não mencionados por razões óbvias, não foi um problema para o autor.<sup>71</sup>

A narrativa fala de todos os seres que tiverem “sopro de vida” (Gn 6,17). A nota “c” da Bíblia de Jerusalém referente a este versículo traz que “a palavra *ruah* designa o ar em movimento, seja o sopro do vento (Ex 10,13; Jó 21,18), seja o que sai das narinas (Gn 7,15.22)”. O conceito ainda é mais amplo, segundo a nota, ele pode designar ainda a força vital (Gn 41,8; 45,27; 1Sm 1,15), mas ele é sempre um dom dado por Deus e é por meio dele que Deus age na criação e na história da humanidade (Gn 6,3; Sl 104,29; Jó 33,4; Ex 31,3).

A partir de indicativos do relato, pesquisadores modernos buscaram identificar a data com a duração do dilúvio. O maior consenso entre eles é de que seria no dia 17 do 7º mês, a data do início do dilúvio, e no 1º dia do 10º mês, foram avistados os topos das montanhas (Gn 8,5). O monte seria o Ararat (2Rs 19,37; Ex 37,38; Jr 51,27; Is 37,38) identificado com Urartu das inscrições assírias e com a atual Armênia.<sup>72</sup> Esses dados sincronizam com a construção do santuário no deserto ocorrido no primeiro dia do primeiro mês do ano após a saída do Egito (Ex 40,1.16-17). “Se a última data, 27 do segundo mês daquele ano (Gn 8,14), é uma correção posterior, comparável à data remarcada no final do livro de Daniel (Dn 12,12), o dilúvio durou um ano e 11 dias”.<sup>73</sup>

<sup>69</sup>Nota “b” da Bíblia de Jerusalém referente ao trecho Gn 8,21.

<sup>70</sup>SKA, 2018, p. 41.

<sup>71</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 192.

<sup>72</sup>LEWIS, 1978, p. 5.

<sup>73</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 195.

A travessia do Mar Vermelho (Ex 14), um relato tipicamente sacerdotal, relaciona os egípcios com a geração corrompida do dilúvio. “Seu pecado não é propriamente a “violência”, mas mais precisamente a brutalidade com que tratam os escravos hebreus” (Ex 1,13-14).<sup>74</sup>

O sinal do arco-íris significa que Deus desistiu do combate, ou melhor, da batalha cósmica que visava destruir o universo. A relação entre o arco-íris e a aliança é muito próxima, porque o “arco-íris aparece ao final do dilúvio, como aparece ao final de um temporal, ou de uma forte chuva, e coincide com o final do mau tempo”.<sup>75</sup>

[...] existem apenas duas alianças: uma com Noé e seus descendentes, na verdade com todas as criaturas vivas (Gn 9,8-17), e a outra com Abraão e seus descendentes, incluindo os descendentes de Isaque e Ismael (Gn 17,1-22). [...] O sábado não é uma estipulação de aliança, mas um sinal que se refere à criação, portanto análogo ao arco nas nuvens em Gn 9,8-17. Na aliança com Abraão, a circuncisão também é um sinal (Gn 17,13.19) que indica uma relação já existente (Gn 17,11), ao invés da estipulação de um acordo bilateral entre Deus e o povo de Abraão.<sup>76</sup>

Não se trataria de uma aliança bilateral, mas um pacto de compromisso que Deus escolheu para si. Além da Aliança com Noé outras alianças aparecem como por exemplo com Abraão (Ex 19,1s), sempre na promessa de uma aliança superior, eterna, que culminará na plenitude dos tempos com Jesus Cristo (Hb 9,15; Mt 26,28).<sup>77</sup>

“Deus colocou um arco na nuvem para ser um sinal da aliança. Foi prometido que quando as nuvens viessem e Deus visse o arco, Ele se lembraria da aliança. Era para ser uma aliança eterna entre Deus e todas as criaturas vivas na terra (Gn 9,12-27)”.<sup>78</sup> O arco-íris é a solene confirmação da aliança que Deus fez com Noé e seus descendentes. E agora, depois do dilúvio, Deus estabelece uma “aliança eterna” (*b<sup>e</sup>rît ‘olam*) e o mundo “subsiste pela graça de Deus, apesar do pecado dos homens”.<sup>79</sup> Deus jamais destruirá o mundo com outro dilúvio.<sup>80</sup>

A aliança com Noé, cujo sinal é o arco-íris, estende-se a toda criação; a aliança com Abrão, cujo sinal será a circuncisão, interessará somente aos descendentes do patriarca (Gn 17); sob Moisés, ela se limitará a Israel, exigindo, em contrapartida, a obediência à Lei (Ex 19,5; 34,27-28; 24,7-8) e sobretudo a observância do sábado (Ex 31,16-17).<sup>81</sup>

<sup>74</sup>SKA, 2018, p. 40.

<sup>75</sup>Ibidem, p. 43.

<sup>76</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 210.

<sup>77</sup>Nota “d” da Bíblia de Jerusalém referente à passagem de Gn 6,18.

<sup>78</sup>LEWIS, 1978, p. 7.

<sup>79</sup>RENTORFF, 1996, p. 97.

<sup>80</sup>Para o arco-íris como um fenômeno natural após uma chuva ou para comparações entre os adornos do trono de Deus e as cores do arco-íris, cf. Ez 1,28; Eclo 43,11-12; 50,7 (LEWIS, 1978, p. 7).

<sup>81</sup>Nota “d” da Bíblia de Jerusalém referente à passagem de Gn 9,8.



Do mesmo modo, em Gn 8,20-22, “Deus decide não mais mandar um dilúvio sobre a terra, depois do sacrifício de Noé. Deste modo, a existência do universo depois do dilúvio deve-se ao sacrifício de Noé, que adquire uma importância cósmica incomparável”.<sup>82</sup> O “perfume suave” (*rêah hannîhoah*), notadamente uma expressão técnica do glossário sacerdotal relativo ao culto sacrificial (Lv 1,4; 17,11). Significa ainda a reparação dos pecados cometidos e a mudança do coração de YHWH, como consequência do sacrifício de propiciação.<sup>83</sup>

No fim do relato (Gn 9,8-17) Deus estabelece uma aliança com Noé, com sua descendência e com todos os seres vivos, na qual se compromete a não mais destruir o universo. Na proposta dirigida a Noé, pela primeira vez na Bíblia fala-se de aliança (*b<sup>e</sup>rit*). Mesmo com diferenças de conteúdo e de horizontes, a aliança com Noé apresenta características análogas àquela que Deus selará com Abraão no c. 17: uma aliança em que só Deus se compromete, sem impor condições aos seus interlocutores; uma aliança acompanhada de um sinal (no caso específico, o sinal é representado pelo arco-íris).<sup>84</sup>

Assim, “a existência e sobrevivência de Israel depois do exílio dependerão do culto no templo”.<sup>85</sup>

Talvez o único significado desses ornamentos exegéticos barrocos seja repetir as ambiguidades que cercam a figura de Adão na tradição e no próprio texto bíblico. Como Adão, Noé é um “homem da terra” (*’iš hā’ādāmā*, Gn 9,20). O ambiente de Adão é o jardim plantado por YHWH, o de Noé é a vinha plantada por ele mesmo. Um come o fruto de uma planta não especificada, mas considerado por alguns como uma videira, o outro bebe o fruto da videira. De qualquer forma, o resultado é desastroso, embora inesperado, e envolve vergonha e nudez. Ambos os incidentes terminam com uma maldição, da serpente no primeiro caso, de Canã no segundo. Nesta visão, que é a da fonte J do autor, na nova criação a natureza humana permanece a mesma da época anterior ao dilúvio, como YHWH reconhece após o rebaixamento das águas e a aceitação do sacrifício: “Toda a inclinação do coração humano é para o mal desde a juventude” (Gn 8,21). Isso ficará mais evidente no resto da história sobre as origens da humanidade.<sup>86</sup>

Muda a força de destruição, que antes era sobre a humanidade e agora pode ser sobre os animais. A violência humana, agora, pode ser “canalizada para o culto a Deus que assegura a sobrevivência do universo”.<sup>87</sup>

O Deus da Bíblia é um Deus em relação contínua e permanente com a humanidade que existe no tempo e na história. Visto da nossa perspectiva, esta relação e

<sup>82</sup>SKA, 2018, p. 44.

<sup>83</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 201.

<sup>84</sup>GALVAGNO; GIUNTOLI, 2020, p. 31.

<sup>85</sup>SKA, 2018, p. 44.

<sup>86</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 215.

<sup>87</sup>SKA, 2018, p. 45.

interação com a humanidade tornam inevitáveis as mudanças do coração de Deus, lembradas nesta passagem e em muitos outros episódios bíblicos.<sup>88</sup>

Notadamente, o mundo descrito em Gn 6-9 não é o mesmo de Gn 1. Neste, Deus ajuizava como sendo tudo bom. Naquele, Deus vê a distorção, a maldade e a destruição como único modo de reparar o que acontece. E aqui ainda é refeita a bênção de fecundidade aos descendentes de Noé e dá o aviso de que “sereis temidos e perigosos para todos os animais da terra” (Gn 9,2).<sup>89</sup>

Com base em Is 24,4, onde o povo é acusado de violar a aliança eterna. O autor anônimo que descreve este cenário apocalíptico em Is 24,1-13 está provavelmente se referindo à aliança com Noé, junto com outros aspectos da história das origens: caos (*tōhū*), diminuição da humanidade, dispersão dos povos, talvez a embriaguez de Noé. [...] a concepção bíblica canônica de uma aliança é um acordo bilateral entre duas partes envolvendo obrigações mútuas confirmadas por juramentos e seladas com um rito, normalmente uma refeição sacrificial e compartilhada. Sua expressão clássica pode ser encontrada em Deuteronômio e na história a ele ligada (Josué-2 Reis), onde o termo *berît* ocorre 96 vezes.<sup>90</sup>

Em Gn 1, o homem havia recebido as plantas e seus frutos como alimentos. Depois do dilúvio lhe é dado como alimento também tudo que se movia sobre a terra, com exceção do sangue que não deveria ser comido. “O homem é de novo abençoado e consagrado rei da criação como nas origens, mas não é mais um reinado pacífico. A nova época conhecerá a luta dos animais com o homem e dos homens entre si. A paz paradisíaca só reflorescerá nos últimos tempos (Is 11,6)”.<sup>91</sup>

Uma das decisões que determinaram o desenvolvimento das primeiras Igrejas Cristãs foi a de Tiago, chefe da comunidade de Jerusalém, que sancionou aos convertidos do paganismo a obrigação de se abster apenas da idolatria, impureza sexual (*porneia*) e comer carne com o sangue ou a carne de um animal estrangulado (At 15,20,29; cf. 21,25). Isso também parece implicar uma familiaridade com a tradição de Noé.<sup>92</sup>

A narrativa do dilúvio termina como começou: Noé com sua família (esposa, filhos e noras), que se tornam os novos progenitores da nova humanidade (Gn 6,9-10; 9,18-19).<sup>93</sup> Noé se torna o novo Adão, pai de uma nova geração pós-diluviana, de uma nova humanidade justa, íntegra e que anda com Deus, isto é, medita e pratica a Palavra de Deus.

<sup>88</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 202.

<sup>89</sup>RENTORFF, 1996, p. 96.

<sup>90</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 209.

<sup>91</sup>Nota “d” da Bíblia de Jerusalém referente à passagem Gn 9,2.

<sup>92</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 207.

<sup>93</sup>Ibidem, p. 211.

À guisa de conclusão, a leitura feita do dilúvio pelo povo de Israel é de um desastre natural, causado pela sua infidelidade a Deus, isto é, devido à maldade do homem, que contraria a bondade da criação divina. Porém, Deus estabelece sua aliança com Noé e desiste de ferir os homens. Não obstante a essa realidade, os escritores posteriores, tanto do Antigo como do Novo Testamento, vão reler esta narrativa citando-a direta ou indiretamente no seu livro. O capítulo seguinte tratará das releituras feitas dentro dos livros do Antigo Testamento.

## 2 O DILÚVIO NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento, pode-se encontrar menções diretas ou indiretamente<sup>94</sup> sobre o relato do dilúvio. O termo técnico usado no livro do Gênesis para o “dilúvio”<sup>95</sup>, a saber, *mabbûl*, aparece citado literalmente apenas no Sl 29,10. Em Is 54,9, aparece o termo *mê-Noah*, “as águas de Noé”. Nos demais textos que mencionam o dilúvio, os autores se utilizam de variados termos ou expressões hebraicas. O termo *zerem*, “inundação, enchente”, em Is 28,2; *mayim kabbîrîm*, “águas poderosas” de Is 28,2; *mayim rabbîm* “as grandes águas” do Sl 18,17; *mayim*, “as águas” de Is 43,2; Jó 12,15; Sl 124,4; *nâhâr/nêhârôt*, “enchentes e rios” do Sl 93,3; *rahab*, “tempestade” em Jó 26,12; *šibbōlet*, “enchente, correnteza” do Sl 69,3.16; e

<sup>94</sup>Quando se fala de menção indireta, trata-se das menções de temas ou termos que estão no relato do dilúvio, por exemplo, a raiz (*ynh*) que significa “pombo” aparece 32 vezes; ou ainda a raiz (*yšr*) – raiz de “justo” que ocorre 200 vezes no Antigo Testamento (VANGEMEREN, 2011).

<sup>95</sup>O termo específico para referir-se ao dilúvio é *mabbûl*, que literalmente traduziria “oceano celeste”. Com exceção de duas vezes, o termo é sempre precedido do artigo, denotando assim um evento que já era bastante conhecido pelo povo, ao menos pelo escritor. Um conceito usado na mitologia antiga para falar de uma luta entre os deuses (Baal e Iam [deus do mar]). Diferentemente dessa luta, Javé se senta sobre as águas (Sl 29,10: que utiliza esse mesmo termo *mabbûl*) e exerce seu domínio sobre o oceano celeste (Ibidem, verbete: “dilúvio”).

*šetep*, “transbordamento, enchente” de Dn 9,26; Na 1,8; Sl 32,6.<sup>96</sup> Além dessas 14 menções, têm-se em livros mais tardios, escritos em grego, duas menções Eclo 44,17 e Sb 10,4, que utilizam o termo *kataklismós*, cataclismo.<sup>97</sup>

Ainda se tem outras menções indiretas, por exemplo, o uso do termo *b<sup>e</sup>rît*, “aliança”, em Gn 15,17-18; Ex 19,5; 31,16; Jr 34,18; etc. Como as menções indiretas são inúmeras, não é pretensão do capítulo tratar de todas, mas ao menos de algumas mais pertinentes na aproximação com o relato do dilúvio. Assim, nos itens que se seguem, abordar-se-á as menções diretas supracitadas e algumas menções indiretas.

## 2.1 PENTATEUCO

No capítulo precedente, uma introdução aos cinco primeiros livros da Bíblia foi feita. Vale ressaltar apenas que a consolidação escrita do Pentateuco se deu posterior ao exílio da Babilônia, quando o povo de Israel precisou se perguntar quem tinha o direito de receber o título de israelita ou judeu. Desse modo, a ênfase na identidade do povo de Israel, principalmente, na (re)composição da Lei, fez com que a pluralidade de judeus fosse contemplada por um documento plural.<sup>98</sup>

### 2.1.1 Gênesis

As menções do livro do Gênesis posteriores ao relato do dilúvio são apenas de modo indireto, isto é, tratam apenas de temas já ditos na narrativa diluviana.

“Quando o sol se pôs e estenderam-se as trevas, eis que uma fogueira fumegante e uma tocha de fogo passaram entre os animais divididos. Naquele dia Iahweh estabeleceu uma aliança (*b<sup>e</sup>rît*) com Abraão” (Gn 15,17-18a). O texto de Gênesis citado trata da aliança que Iahweh faz com Abraão em paralelo com a aliança realizada com Noé (Gn 9,9.11-13.15-17). A aliança estabelecida com Abraão é uma aliança bilateral, uma vez que, ao celebrar a aliança com o sacrifício de um animal e a travessia entre as partes (cf. Gn 15,17-18), a condição para

<sup>96</sup>DAVIDSON, Richard M. The Genesis flood narrative: crucial issues in the current debate. **Andrews University Seminary Studies**. Vol. 42, n. 1, 2004, p. 70.

<sup>97c</sup>“Além das referências explícitas acima mencionadas a Noé e ao dilúvio, certas seções poéticas e apocalípticas da Bíblia podem tomar emprestado o motivo do dilúvio e combiná-lo com imagens de um terremoto para dar uma imagem do julgamento. Isaías anuncia que o Senhor destruirá a Terra e a tornará desolada. A terra está cambaleando de transgressão. Alianças eternas foram quebradas (Is 24,1; cf. Gn 9,16). As janelas do céu são abertas e os fundamentos da terra estremecem (Is 24,18; Gn 7,1; 8,2). [...] Nas metáforas usadas pelo salmista, frequentemente uma tempestade de grandes águas é usada para expressar a tribulação dos justos de que somente a intervenção de Deus pode salvá-los (Sl 18,16; 65,5-8; 69,1; 89,9; 93,3)” (LEWIS, 1978, p. 8-9).

<sup>98</sup>SKA, 2016b.

pertencer à parentela ou à descendência de Abraão é a circuncisão (cf. Gn 17,10-14). Distinta a aliança unilateral estabelecida com Noé que apenas Deus deixará de matar os homens.

Além da aliança estabelecida, o período do entardecer (*'ēṭ*) também é um elemento de consonância ao relato do dilúvio. No entardecer, a pomba retorna com o ramo de oliveira (cf. Gn 8,11), e ao pôr do Sol (cf. Gn 15,12.17-18) Iahweh estabelece sua aliança com Abraão. Sobre o período da tarde, em Gn 24,11: “Ele fez ajoelhar os camelos fora da cidade, perto do poço, à tarde (*'ēṭ*), na hora em que as mulheres saem para tirar água”, Isaac, indo ao poço, neste período do dia, busca estabelecer um vínculo matrimonial com Rebeca, filha de Batuel.

No livro do Gênesis, aparece ainda o termo (*qešet*), que indica o arco de caça. Termo este que aparece no relato do dilúvio (cf. Gn 9,13-14.16), demonstrando que Iahweh desistiu de machucar os homens e o sinal seria a colocação do arco sobre as nuvens. Em Gn 27,3: “Agora, tomas tuas armas, tua aljava e teu arco (*qešet*), sai ao campo e apanha-me uma caça”, demonstrando assim a fala de Isaac para que Esaú, seu filho mais velho, fosse à caça e preparasse um prato para seu pai e conseqüentemente receber a bênção da primogenitura.

Sobre o tema do justo (*yšr*), o livro traz o emblemático diálogo de intercessão entre Abraão e Adonai sobre a destruição de Sodoma. Por causa de 50, 45, 40, 30, 20 ou de 10 justos (*yšr*) Deus desiste de destruir a cidade. Gn 18,32: “Ele disse: “Que meu Senhor não se irrite e falarei uma última vez: talvez se encontrem dez (justos - *yšr*)”. E ele respondeu: “Não destruirei, por causa dos dez”. No dilúvio, Iahweh encontrou apenas um justo com sua família, isto é, oito pessoas e os salvou (Gn 6,9; 8,16).

### 2.1.2 Êxodo

No livro do Êxodo, três menções sobre a narrativa do dilúvio se destacam, a saber, a arca (Ex 2,3a), a aliança com Moisés (Ex 19,5; 31,16) e o perfume de suave odor (Ex 29,18b.25).

“E como não pudesse mais escondê-lo, tomou um cesto (*tēbâ*) de papiro, calafetou-o com betume e pez” (Ex 2,3a). O termo utilizado pelo autor do Êxodo é o mesmo da narrativa do dilúvio (Gn 6,15-16.18; 7,1.7-8.13.15.17-18.23; 8,1.6.10.15-16.19), indicando assim que a arca que salvou Noé, agora salva Moisés, que nos capítulos posteriores salvará o povo hebreu. Não obstante a essa correlação, a versão grega dos LXX e a latina Vulgata associam além da arca de Noé, o cesto de Moisés e a arca da aliança com os termos *kibōtos* e *arca*, respectivamente.

Mais próximo da aliança com Abraão do que Noé, a aliança com Moisés também é bilateral, isto é, “Agora, ouvirdes minha voz e guardardes minha aliança (*b<sup>e</sup>rît*), sereis para mim a propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha” (Ex 19,5). A circuncisão, observar os mandamentos e guardar o sábado são critérios objetivos para pertencer ao povo de Israel, e assim “os israelitas observarão o sábado, celebrando-o de geração em geração, como uma aliança eterna (*b<sup>e</sup>rît ‘olam*)” (Ex 31,16).

Depois da narrativa do holocausto realizado por Noé (cf. Gn 8,21), e ainda um longo período de narrativas, o livro do Êxodo legaliza o holocausto e, agora, ele o torna um perfume de suave odor. “É um holocausto para Iahweh. É um perfume de suave odor (*rîah-nihôah*), uma oferta queimada para Iahweh” (Ex 29,18b.25). Este mesmo sintagma aparece nos livros do Levítico (cf. 1,9.13) e dos Números (cf. 28,2b).

### 2.1.3 Levítico

Dentro da lei sacrificial trata do sacrifício das rolas e pombinhos dentre as aves puras para ser ofertadas a Iahweh. “Se a sua oferenda a Iahweh consistir em holocausto de ave, oferecerá uma rola ou um pombinho (*ynh*)” (Lv 1,14). Essa mesma referência pode ser encontrada nos versículos 5,7.11; 12,6.8.

No livro do Levítico, encontra-se também a menção do corvo (Gn 8,6) como um animal impuro. “Dentre as aves, tereis por imundas, e não se comerão, pois que são imundas, as seguintes: todas as espécies de corvo (*‘orēb*)” (Lv 11,13.15).

### 2.1.4 Números

“Deus dos espíritos (*ruah*) que vivificas toda carne, irritar-te-ias contra toda a comunidade quando um só pecou?” (Nm 16,22b). O tema do espírito (*ruah*, cf. Gn 8,1) aqui no livro dos Números fala da comiseração de Deus para com todos os homens vivificados pela carne.

Outro tema tratado sobre o relato do dilúvio é o “vingador do sangue” (*go’el*, cf. Gn 9,6) que cuidará daqueles que derramaram sangue, como uma espécie de justiceiro. “O vingador do sangue (*go’el*) matará o homicida. Quando o encontrar, matá-lo-á” (Nm 35,19). Este mesmo tema é tratado no livro do Deuteronômio (cf. Dt 19,12).

### 2.1.5 Deuteronomio

“Eis que Iahweh teu Deus vai te introduzir numa terra boa: terra cheia de ribeiros de água e de fontes profundas que jorram no vale da montanha; terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de oliveiras (*zayît*), azeite e de mel” (Dt 8,7-8). A oliveira (Gn 8,11) foi um dos alimentos para a subsistência do povo hebreu na Terra Prometida.

O Código Deuteronomista fala do imolar e comer a carne tanto dos animais impuros como os puros: “Poderás comer tanto o puro como o impuro, assim como se come a gazela e o cervo” (Dt 12,15). Essa passagem está em paralelo a nova ordem do cosmos pós-dilúvio, quando Iahweh autoriza o homem ter por alimento “tudo o que se move e possui vida” (Gn 9,3).

Em consonância com o livro dos Números, o livro do Deuteronomio segue a legislação penal para os que cometerem assassinio na cidade (Dt 19,11-12: Contudo, se alguém é inimigo do seu próximo e lhe arma uma cilada, levantando-se e ferindo-o mortalmente, e a seguir refugia-se numa daquelas cidades, os anciãos da sua cidade enviarão pessoas para tirá-lo de lá e entregá-lo ao vingador do sangue - *go 'el* - para que seja morto).

## 2.2 LIVROS HISTÓRICOS

O ponto de partida para a historiografia deuteronomista, isto é, para a escrita dos livros históricos, dá-se no período do rei Josias, próximo à invasão do império assírio (século VII a.C.). Porém, a escrita ainda contou com mais dois possíveis estágios: durante o exílio da Babilônia (século VI a.C.) e no período persa (século V a.C.).<sup>99</sup>

### 2.2.1 Josué

A entrada na Terra Prometida pelo povo hebreu se dá com a ajuda de uma prostituta chamada Raab. Js 2,1c: “Foram, pois, e entraram na casa de uma prostituta chamada Raab”.

Outra menção indireta à narrativa do dilúvio é o “tempo do entardecer”. Js 8,29: “Quanto ao rei Hai, enforcou-o numa árvore, e ali ficou até à tarde; ao pôr do sol (*'ēt*), Josué

---

<sup>99</sup>RÖMER, 2008.

ordenou que tirassem da árvore o seu cadáver”. A luta do povo hebreu para conquistar a cidade de Hai acaba no entardecer, quando o rei foi morto.

“Não está isso escrito no Livro dos Justos (*yšr*)?” (Js 10,13). Tanto Josué quanto Samuel (2Sm 1,18) falam de um livro conhecido, porém perdido no tempo, intitulado como Livro dos Justos.

### 2.2.2 Juízes

O livro dos Juízes fala do *ruah* divino que esteve sobre o juiz Otoniel quando julgava o povo. “O espírito (*ruah*) do Senhor esteve sobre ele, e ele julgou Israel e saiu à guerra” (Jz 3,10).

### 2.2.3 1 e 2Samuel

Em ambos os livros de Samuel, o tema abordado é do arrependimento de ter feito Saul reinar e de exterminar Jerusalém.

1Sm 15,11.29.35: “Arrependo-me (*nahām*) de haver dado a realeza a Saul, porque ele se afastou de mim e não executou as minhas ordens [...]. Entretanto, a Glória de Israel não mente nem se arrepende (*nahām*), porque não é homem para se arrepender (*nahām*) [...]. Iahweh se tinha arrependido (*nahām*) de tê-lo feito rei de Israel”.

Em 2Sm 24,16, o anjo com a mão já estendida sobre Jerusalém para exterminá-la completamente, Iahweh se arrepende (*nahām*) desse mal, e disse ao Anjo que exterminava o povo: “Basta! Retira a tua mão!”.

### 2.2.4 Primeiro e Segundo Reis

“Beberás da torrente, e ordenei aos corvos (*‘orēb*) que te deem lá alimento. Os corvos (*‘orēb*) lhe traziam pão e carne de manhã, pão e carne de tarde, e ele bebia da torrente” (1Rs 17,4.6). Em contraste com o livro do Levítico, os corvos alimentam o profeta Elias junto à torrente de Carit.

## 2.3 LIVROS SAPIENCIAIS



O movimento sapiencial de Israel se desenvolve como grupo distinto dos profetas, sacerdotes e anciãos, provavelmente, no século VII a.C., podendo ser atribuída a ele a escritura dos textos ao tempo de Ezequias (Pr 25,1; Is 20,13-16) rei de Judá. Contudo, muitos provérbios são atribuídos a Salomão (1Rs 4,20; 10,10.13.23.25; Pr 10,25), rei de Judá no século X a.C. Apesar de nada conclusivo, pode-se observar um período redacional anterior ao exílio da Babilônia e muito provável que todos os livros sapienciais só se consolidaram, enquanto escritura pouco antes do século II a.C.

### 2.3.1 Jó

O livro de Jó alcançou a forma final até o ano 200 a.C., porque é a data aproximada do livro do Eclesiástico, que parece ter ciência do livro de Jó, como demonstrado em Eclo 49,9. Contudo, tema do sofrimento do inocente é tratado também no Deutero-Isaías (52,13-53,12) e Jeremias, “leva alguns autores a falar do exílio como época adequada para a composição”.<sup>100</sup>

O uso do termo “tempestade” (*rahab*) no livro de Jó é mais para identificar um monstro mítico que causa a inundação da terra. Jó 9,13: “Deus não precisa reprimir sua ira, diante dele curvaram-se os aliados de Raab”. Jó 7,12: “Acaso sou o Mar ou o Dragão, para que ponhas um guarda contra mim?”. Jó 26,12: “Com seu poder arquitetou o Mar, com sua inteligência aniquilou Raab (*rahab*)”.

Jó 12,15, “[...] se retiver a chuva, virá a seca, se a soltar, inundar-se-á (*mayim*) a terra”, fala de um inundar da terra com as chuvas, em contraposição do fato que se ele a retém a terra fica seca. Essa resposta de Jó, a seu amigo Sofar de Naamat, surpreende, porque ela “se move em outro âmbito: reconhecimento do poder de Deus; confissão da própria ignorância e limitações; conhecimento imperfeito de Javé”.<sup>101</sup> Como complemento a essa ideia de Jó de um inundar a terra, fertilizá-la, pode ser observada uma ideia moral em Jó 22, onde Elifaz de Temã recorda Jó que seguir os caminhos antigos dos ímpios é o da perdição, isto é, a iniquidade (maldade) da geração diluviana que ocasionou a destruição de todos. E “apesar de Deus encher suas casas de coisas boas, eles disseram a Deus: ‘Afasta-te de nós’ e ‘O que o Todo-Poderoso pode fazer por nós?’”.<sup>102</sup>

<sup>100</sup>ASENSIO, Víctor Morla. **Livros sapienciais e outros escritos**. São Paulo: Ave-Maria, 2005, p. 129.

<sup>101</sup>ASENSIO, 2005, p. 141.

<sup>102</sup>LEWIS, 1978, p. 8.

Na passagem 27,3-4, Jó fala do *ruah*, o sopro de vida que existe no homem: “enquanto em mim houver um sopro de vida (*ruah*) e o alento de Deus nas narinas, meus lábios não dirão falsidades, nem minha língua pronunciará mentiras!”.

“Quem prepara ao corvo (*‘orēb*) o seu alimento, quando gritam a Deus seus filhotes e se levantam por falta de alimento?” (Jó 38,41). Em Jó, o corvo se torna um objeto do cuidado providencial de Deus.

### 2.3.2 Salmos

Os Salmos são poemas complexos cujo processo de escrita se deu durante vários séculos. Ao longo desse período, eles podem ter sido transmitidos oralmente e alguns até escritos. O mais provável é que “a primeira recopilação do saltério, devemos pensar nos séculos III/II a.C.” Durante o exílio da Babilônia e depois dele, a atividade dos escribas não cessou e numerosos salmos podem ter sido escritos, principalmente os que tratam sobre a Torá ou a cultura judaica.<sup>103</sup>

Longe de ser um tratado teológico,

Um salmo é uma obra poética forjada na contemplação, na dor ou no prazer [...]. A paixão do poeta move-se em ritmo divino...Os salmistas oferecem reflexões e afirmações relativas ao homem e a Deus, ou melhor dizendo: ao homem em Deus e a Deus para o homem.<sup>104</sup>

A memória histórica de opressão e desamparo do povo que padece tem um valor cultural, porque em meio a essa realidade Sião se torna “o centro do mundo, mas o centro do cosmos, de tal modo que o camarim do santuário (*debir*) faz parte propriamente do espaço celeste”. E esse centro em Sião, como a santa morada de Javé, proporciona confiança e segurança ao seu povo eleito.<sup>105</sup>

O Sl 18,17: “do alto ele estende a mão e me toma, tirando-me das águas torrenciais - *mayim rabbîm*”, relaciona as águas com os inimigos e as águas portentosas com um adversário forte. Nesse sentido, as tempestades são enviadas por Deus, portanto os inimigos também o são. Contudo, o mesmo que ataca com os relâmpagos as águas, Deus ataca com flechas seus inimigos. Embora a conclusão pareça inaceitável, “é preciso desfazer a equação e ver duas ameaças hostis ao orante: os inimigos que atacam, a inundação que o Senhor envia

---

<sup>103</sup>ASENSIO, 2005, p. 270.

<sup>104</sup>ASENSIO, 2005, p. 316.

<sup>105</sup>Ibidem, p. 327.

para livrar. A consequência é que a tormenta encerra para o orante uma polaridade: é destruidora e libertadora”.<sup>106</sup>

O Sl 29,10: “Iahweh está sentado sobre o dilúvio – *mabbûl* -, Iahweh sentou-se como rei para sempre”, trata-se de um salmo hinário que canta ao “Senhor cósmico da tormenta” e termina identificando esse “Deus cósmico da tormenta” com o Deus de um povo, ou seja, de Israel. “Um liturgo anônimo toma a palavra e ousa convidar os seres celestes: toda a corte celeste, no templo do céu e com vestes litúrgicas, deverão render homenagem a Yhwh”.<sup>107</sup> O autor do referido salmo louva o poderio do Senhor sobre o dilúvio, isto é, Deus coloca seu trono sobre as águas, como no Sl 104,3<sup>108 109</sup>.

O trovão é som corpóreo e enérgico. Como se o poeta conhecesse a mecânica vibratória do som (a voz dos serafins em Is 6 também faz tremer o templo). O trovão retorce carvalhos e sacode o deserto. É energia que se desata ou que Deus desata, pelo que parece, para destroçar.<sup>110</sup>

Este hino descreve uma verdadeira experiência de uma pessoa diante a tempestade, que causa medo, ao mesmo tempo, esperança, porque a paz vem depois dela. Essa imagem fica clara com o sentar de Deus sobre as águas superiores. “Na tremenda sacudida da natureza, ampla e contagiosa, o Senhor está tranquilamente sentado, por cima, mais além. Controla serenamente os elementos, porque é seu rei e Senhor”.<sup>111</sup>

O Sl 32,6: “Assim, todos os fieis suplicarão a ti no tempo da angústia. Mesmo que as águas torrenciais (*šetep*) transbordem”, é uma recitação penitencial que acontece retrospectivamente, ou seja, depois que terminou o fato, recorda-se a parte mais importante. Assim, o pedido de perdão a Deus faz-se necessário, porque deve acompanhar pelo sofrimento do castigo e a confissão das faltas. Nesse contexto, a inundação ou enchente são metáforas de uma desgraça real que já era conhecida, sobretudo pelos textos proféticos, alguns mencionados anteriormente.<sup>112</sup>

O Sl 69,3.16: “Afundo num lodo, sem nada que me afirme; entro no mais fundo das águas e a correnteza (*šibbōlet*) me arrastando [...]. Que a correnteza das águas (*šibbōlet*) não me arraste, não me engula o lodo profundo, e o poço não feche sua boca sobre mim”, traz um

<sup>106</sup>SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos I**: salmos 1-72. São Paulo: Paulus, 1996, p. 311.

<sup>107</sup>Ibidem, p. 444.

<sup>108</sup>Sl 104,3: “construindo sobre as águas tuas altas moradas, tomando as nuvens como teu carro, caminhando sobre as asas do vento”.

<sup>109</sup>LEWIS, 1978, p. 8.

<sup>110</sup>SCHÖKEL; CARNITI, 1996, p. 445.

<sup>111</sup>SCHÖKEL; CARNITI, 1996, p. 446.

<sup>112</sup>Ibidem.

jogo de palavras que induz o leitor/orante se sentir envolto da totalidade das águas que entram e o homem que entra nas águas. Dessa forma, o transcurso do poema compara as águas com os inimigos, sendo duas vertentes de uma ameaça mortal comuns, em que as condições aquáticas não têm saídas, pois o envolvimento é total, sem a ação de Deus.<sup>113</sup>

Sl 93,3-4: “Levantaram os rios (*něhārôt*), Iahweh, levantaram os rios (*něhārôt*) sua voz, levantaram os rios (*něhārôt*) seu rumor. Mais do que o estrondo das águas torrenciais (*mayim rabbîm*), mais imponente que a ressaca do mar, é importante Iahweh, nas alturas”. “[...] É um hino ao Senhor Rei por sua vitória sobre as forças do caos e pela fundação do orbe”.<sup>114</sup> O salmista realça a realeza e majestade de Iahweh que impõe sobre o mundo criado suas leis.

O Sl 104,29: “Escondes tua face e eles se apavoram, retiras sua respiração (*ruah*) e eles expiram voltando para o pó”, aborda o retorno ao pó quando o *ruah* divino é retirado do homem.

O Sl 124,4: “As águas (*mayim*) nos teriam inundado, a torrente chegando ao pescoço”, trata de dois perigos mortais clássicos do povo: água e fogo. Mas podem ser tomados numa situação paradoxal e simbólica, pois como imaginar um incêndio na água, sem ação divina? Como Deus está do lado de seu povo, assim ele não perecerá no fogo ou na água.<sup>115</sup>

Sl 147,9: “fornece alimento ao rebanho e aos filhotes do corvo (*‘orēb*), que grasnam”. Trata da ação divina que escuta o granir e alimenta o corvo.

### 2.3.3 Provérbios

A sabedoria prática de Israel trata sobre o justo. “Quando vem a tormenta, desaparece o ímpio! Mas o justo (*yšr*) está firme para sempre” (Pr 10,25). E ainda, “o caminho dos homens retos (*yšr*) é evitar o mal; quem vigia seu caminho guarda sua vida” (Pr 16,17).

### 2.3.4 Cântico dos Cânticos

No livro Cântico dos Cânticos, a leitura alegórica da estadia do sacerdote na sala do Santo dos Santos, utiliza as categorias amado e amada para expressar a relação e a aliança sponsal entre Deus e seu povo eleito. Por isso, nele há a expressão da amada como pombas.

<sup>113</sup>SCHÖKEL; CARNITI, 1996.

<sup>114</sup>Idem. **Salmos II**: salmos 73-150. São Paulo: Paulus, 1998, p. 1180.

<sup>115</sup>Ibidem.

“Como és bela, minha amada, como és bela! Teus olhos são pombas (*ynh*)” (Ct 1,15). Ocorre ainda nas passagens 2,14; 4,1; 5,2.12; 6,9.

### 2.3.5 Sabedoria de Salomão

Um dos livros mais tardios do Antigo Testamento é a Sabedoria. Atualmente, entre os especialistas, há um consenso de que ele foi escrito na Alexandria, um grande centro judaico da diáspora, na metade do século I a.C.<sup>116</sup>

O contexto de Sb 10,4 é um grande elogio à sabedoria divina que perpassou, desde Adão até Moisés, alcançando a todos os viventes. Nesse sentido, um dos personagens que se destaca é Noé, não mencionando diretamente seu nome, como faz normalmente o livro da Sabedoria, sempre através de metáforas, mas dizendo que por culpa dos primeiros pais “a terra foi submersa (*kataklizoménēn*), e outra vez a Sabedoria a salvou, pilotando o justo (*dícaios*) numa frágil embarcação (*xýlon*)” (Sb 10,4). O adjetivo “justo” é mencionado em Gn 6,9, além dos elementos como “embarcação” e a “submersão da terra”.

Em Sb 14,6-7, “Pois quando, nas origens, pareciam os gigantes orgulhosos, a esperança do mundo se refugiou numa jangada (*xýlon*) que pilotada por tua mão, aos séculos futuros deixou o germe de uma geração nova”, também aparece o termo grego *xýlon* com o significado de jangada. A versão dos LXX traduz o termo “arca de madeira” como *kibōtos xýlon*, indicando assim o termo como sendo algo construído com madeira ou a própria madeira.

### 2.3.6 Eclesiástico

“A segunda subsecção desta terceira parte (cc.44-50) é dedicada ao elogio dos antepassados de Israel”. Muito provavelmente esse livro foi escrito antes de 168 a.C., quando se deu a revolta dos Macabeus.<sup>117</sup>

O livro do Eclesiástico trata do tema do sopro de vida dado e retirado por Deus. Eclo 12,7: “antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro (*pneuma*) volte a Deus que o concedeu”.

Não poderia ficar fora desta lista Noé. Para Jesus Ben Sira, autor do Eclesiástico, Noé, em meio a uma geração iníqua, cheia de maldade, foi considerado o justo perfeito e graças a

<sup>116</sup>ASENSIO, 2005, p. 230.

<sup>117</sup>ASENSIO, 2005, p. 211.

ele a humanidade ainda sobreviveu depois do dilúvio. E ainda com ele foi estabelecida uma aliança eterna, uma vez que Deus não mais mandará outro dilúvio para destruir os seres viventes. “Noé foi reconhecido como o perfeito justo, no tempo da cólera tornou-se rebento: graças a ele ficou um resto na terra, quando houve o dilúvio. Com ele foram estabelecidas alianças eternas, para que ninguém mais seja aniquilado pelo dilúvio (*kataklismós*)” (Eclo 44,17-1).

## 2.4 LIVROS PROFÉTICOS

Depois de toda a crítica linguística sobre a composição dos livros bíblicos, os livros proféticos também não ficaram isentos de tal crítica. Hoje, a ideia mais aceita é de que os livros proféticos continuaram em aberto e sofrendo alterações. Contudo, antes do século II a.C., os escritos proféticos já haviam sido solidificados e encerrados como se tem atualmente. “Isso se deduz da citação que deles faz o Eclesiástico, e das cópias encontradas em Qumrã”.<sup>118</sup>

O fim da profecia, em Israel, deu-se com a canonização do Livro da Lei, ou seja, do Pentateuco, “que provavelmente ocorreu no século V”.<sup>119</sup> Textualmente, percebe-se o novo modo em que Deus se relaciona com Josué (Js 1,1-9), no qual para discernir qual é a vontade de Deus precisa, necessariamente meditar a Lei dia e noite.

### 2.4.1 Isaías

Bernard Duhm (1982) identificou em todo o livro do profeta Isaías três momentos de redação: o primeiro seria o Proto-Isaías, compreendendo dos capítulos 1 a 39, escritos em torno dos anos 740-701 a.C., por mencionar o início de sua vocação, e provavelmente também da escrita, no tempo de Osias, rei de Judá (Is 1,1; 6,1). O segundo momento compreende os capítulos 40 a 55, chamado por Duhm de Deutero-Isaías, sendo datado por volta dos anos 540-515 a.C., mencionando um rei enigmático, menciona ainda o rei da Pérsia, Ciro (538

---

<sup>118</sup>DÍAZ, José Luís Sicre. **Profetismo em Israel**: o profeta: os profetas: a mensagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 181.

<sup>119</sup>Ibidem, p. 333.

a.C.). Em 515 a.C., conclui-se a reconstrução do Templo de Jerusalém, tema mencionado nos capítulos 56-66, num terceiro momento redacional, chamado por Duhm de Trito-Isaías.<sup>120</sup>

No livro de Isaías, encontra-se um uso do radical (*ynh*) que significaria “pombo” como uma lamentação, isto é, o arrulho do pombo como um choro de lamento. “Suas portas se encherão de lamentação (*ynh*) e de luto; ela, despojada, sentar-se-á no chão” (Is 3,26). “Os pecadores se lamentarão (*ynh*) e se cobrirão de luto” (Is 19,8).

Em Is 8,7 “o Senhor trará contra ele as águas torrenciais impetuosas - *mayim nāhār* - e abundantes do Rio, a saber, o rei da Assíria com todo o seu poderio”, o uso da linguagem diluviana refere-se ao poderio do reino da Assíria que viria sobre o reino do Norte, Israel.

Caminhando para seu núcleo escatológico, Isaías começa a usar a língua do “fim”, isto é, sobre o juízo divino. O texto é de Is 9,7[6]: “para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim (*qēš*) sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e a justiça”.

O estabelecimento do fim em Isaías se dá com a instauração da paz messiânica em que “o lobo morará com o cordeiro e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará” (Is 11,6). Essa aliança de paz se torna paralela à paz estabelecida entre Deus, o homem e todo ser criado em Gn 9, isto é, uma nova ordem do mundo se instaura com o fim do dilúvio.

Em Is 17,6: “Sobrará algum restolho, como quando se vareja a oliveira (*zayît*): ficam duas ou três azeitonas nos ramos mais altos, quatro ou cinco nos demais galhos”, fala da oliveira como símbolo dos poucos remanescentes, ou seja, as poucas azeitonas deixadas na oliveira.

O entardecer é um tempo escatológico nesse contexto do profeta Isaías, porque “ao entardecer (*’ēt*) sobrevém o susto; antes do amanhecer não há mais nada” (Is 17,14).

A escatologia de Isaías (24-27) pode ser esquematizada de modo genérico num primeiro momento que se dá a celebração do grande juízo, ou seja, momento em que Deus sentencia e castiga os ímpios; e o segundo momento é a atividade catastrófica cosmológica concomitante à teofania. Do povo eleito, restariam apenas os que fossem purificados.<sup>121</sup>

“Aquele que fugir ao grito de pavor cairá na cova, aquele que conseguir subir da cova será apanhado na armadilha. Com efeito, as cataratas do alto (*arubôt marom*) se abriram, os fundamentos da terra se abalaram” (Is 24,18). A menção do dilúvio em Is 24,18b-20 “dilúvio

<sup>120</sup>DUHM *apud* CHILDS, Brevard S. **Isaia**. Traduzione dall’inglese-americano di Enzo Gatti. Brescia: Queriniana, 2005, p. 10.

<sup>121</sup>SCHÖKEL, Luís Alonso; DÍAZ, J. L. Sicre. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. São Paulo: Paulinas, 1988.

contenta-se apenas com aludir ao Gênesis. O terremoto é descrito na sua qualidade sonora com ostentação de onomatopéias”.<sup>122</sup>

A criação, nesse contexto, retornará, por meio do terremoto ao caos original. Essa destruição prometida é o julgamento divino sobre toda a humanidade corrupta e injusta. Não será apenas julgada a humanidade, mas todo o exército celeste e os oponentes de Deus (Is 24,21; 27,1). Através da derrota de todos é que Deus salvará seu próprio povo. Este que é preservado durante o tempo da ira de Deus (Is 26,20) e conduzido a uma vida renovada e próspera.<sup>123</sup>

“O pelicano e o ouriço a possuirão; a coruja e o corvo (*‘orēb*) farão nela morada. Iahweh estenderá sobre ela o cordel do caos e o prumo do vazio” (Is 34,11). A menção do corvo no profeta Isaías trata dos animais impuros que se tornarão instrumento do juízo divino.

No oráculo contra a Samaria sobre a sua queda, acontecida aos 721 a.C., o profeta Isaías fala de um homem que virá contra a cidade como uma chuva, uma tempestade que inunda tudo o que vê pela frente. “Eis um homem forte e vigoroso a serviço do Senhor: como uma chuva de pedras e uma tempestade devastadora (*mayim kabbîrîm*), como uma chuva torrencial (*mayim kabbîrîm*) que tudo inunda (*zerem*), ele os atira ao solo com a sua mão” (Is 28,2).

Nesse primeiro Isaías, poderia dizer que a metáfora diz respeito ao Império Assírio que destrói o Reino do Norte, ou seja, a Assíria seria mais devastadora do que um dilúvio que “arrasta escombros pelo monte abaixo, mistura-os e os confunde com o solo [...]. A tempestade é teofania ou manifestação do Senhor, que envia o executor da sua sentença”.<sup>124</sup>

Isaías descobre isto em oposição aos planos políticos ou guerreiros (7,5; 8,10; 9,3.11; 30,1; 36,5). Significa o interesse do Senhor pela história de seu povo: nela realiza a sua “obra” (5,12.19; 10,12; 28,21; 29,23), nela reside a sua glória como no templo (29,23).<sup>125</sup>

Por mais que a catástrofe cósmica seja por causa do pecado do homem, o plano de Deus se cumpre na eleição de Jerusalém, esta que é a sua morada, e na promessa davídica, que se abre à esperança de um futuro para o povo. “Para Isaías, mesmo que o pecado obrigue o Senhor a colocar-se em contraposição a seu povo, o seu plano se cumprirá; “um resto voltará””.<sup>126</sup>

<sup>122</sup>Ibidem, p. 212.

<sup>123</sup>STREETT, Daniel R. As it in the days of Noah: the prophets’ typological interpretation of Noah’s flood. *Criswell Theological Review*, n. 5, s. 1, 2007.

<sup>124</sup>SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 224.

<sup>125</sup>LACY, J. M. Abrego. *Os livros proféticos*. São Paulo: Ave-maria, 1998, p. 125.

<sup>126</sup>LACY, 1998, p. 122.



Deutero-Isaías foi agraciado com muitos dons literários, mas evidentemente não era um homem viajado e não podia descrever tão bem quanto Isaías (Is 18,1-2) ou Ezequiel (Ez 27) uma localidade que estava além de seu conhecimento. [...] Se isso fosse verdade, seria um argumento para tornar Deutero-Isaías e seus ouvintes vizinhos da Pérsia, pois os palestinos não estavam cientes dos princípios da religião de Zoroastro (MAYNARD, 1917, p. 216).

O segundo Isaías tem como centro da pregação um único Deus (monolatria), e isso é a base teológica para a esperança do seu povo. Ele ainda põe Jerusalém como o centro da terra (Is 48,5; 49,12; 43,14) e por essa centralidade tudo o que acontece em Jerusalém toma proporções universais, por exemplo a ideia da reversão da criação, a causa do dilúvio, nova criação, nova aliança.<sup>127</sup>

Tiveram que esperar os últimos anos do exílio para ouvir nos lábios do povo judeu a confissão monoteísta por excelência não há Deus fora do Senhor. Quando os exilados foram tentados pela história a ler a grande derrota de seu deus na queda do reino e de Jerusalém, e quando a magnificência do culto babilônico que contemplavam com os seus próprios olhos tornava mais dolorosa sua nostalgia e mais temível e atrativo outro culto, justamente nesse momento, um profeta teve a ousadia de confessar não só que Javé continua sendo Deus, mas que permanece como o único Deus de Israel, e também que é o único Deus: os deuses dos outros povos não são deuses. Javé é o único Senhor da história e dos cosmos, é o seu criador e o seu governante. Deus criador (41,21-29; 44,6-8; 46,1-13). Deus redentor de Israel (41,14; 43,14; 44,6-24; 47,4; 48,17; 49,7.26; 54,5.8).<sup>128</sup>

Além desses temas mencionados, Deutero-Isaías está preocupado com a escassez de água, uma condição familiar para os palestinos, mas não para os exilados que vivem na Babilônia bem irrigada. Enquanto a agricultura da Babilônia depende das inundações bem regulamentadas do Tigre e do Eufrates, Deutero-Isaías, sendo palestino, espera que Deus derrame água do céu (Is 44,3).<sup>129</sup>

Em Is 43,2a: “Quando passares pela água - *mayim* -, estarei contigo, quando passares por rios, eles não te submergirão”, a confiança que a fé assegura ao povo, que caminha, guiado e protegido por Deus, não corresponde a uma fuga, mas ânimo para enfrentar o risco. Os elementos água e fogo mencionados referem-se aos perigos superados pelo povo, com a poderosa proteção do Senhor: “o Egito era como forno (Dt 4,20; Jr 11,4) e a tribulação é um forno (Is 48,10), a saída do Egito ficou selada ao atravessar as águas hostis”.<sup>130</sup>

<sup>127</sup>STREETT, 2007.

<sup>128</sup>LACY, 1998, p. 214.

<sup>129</sup>MAYNARD, John A. The Home of Deutero-Isaiah. *Journal of Biblical Literature*. Vol. 36, n. 3/4, 1917.

<sup>130</sup>SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 299.

A sequência do capítulo 43 (v.8-13) menciona o processo em que o Senhor entra em litígio com as nações gentias e, conseqüentemente, com seus deuses. Esse litígio conferia aos gentios a vanglória das vitórias atribuídas a seus deuses, contudo o povo eleito, o povo de Israel apenas deveria testemunhar ao Senhor. A eleição desse povo, pelo Senhor, foi para que ele aprendesse pelos eventos históricos de sua existência a santidade e poder de Deus. Os fatos históricos permitem ao povo chegar ao conhecimento concreto de Deus. Assim, o Senhor tem

[...] testemunhas oculares e de ouvido, porque Israel foi protagonista e transmitiu por tradição aquele passado [...]. Foi justamente para isso que Israel foi eleito: para aprender pela experiência histórica e para crer no Senhor, para que aprendesse a reconhecer o Senhor nos acontecimentos.<sup>131</sup>

Nos textos de Is 44,27; 50,2; 51,10<sup>132</sup>, o profeta refere-se à chamada *Chaoskampf*<sup>133</sup>, onde reina o caos, antes da criação, que também é mencionado em outros textos da literatura do Oriente Médio, pela vitória sobre o monstro que vive na água, chamados de Raab, Dragão ou Abismo. Geralmente, entre os acadêmicos, é aceito que essas três passagens fazem alusões a acontecimentos históricos que constituíram o povo de Israel, são eles: a criação e o Mar Vermelho. Sobre a possibilidade da menção do dilúvio nessas perícopes, são pouco consideradas, apesar de os textos se referirem às águas portentosas e caóticas.<sup>134</sup>

Muitos comentadores de Isaías concordam que Deutero-Isaías não teve acesso ao livro do Gênesis canônico, muito menos ao material sacerdotal (P) que menciona a aliança, sua inviolabilidade e a incondicionalidade.

Os judeus da Palestina não seguiram os exilados retornados em seus sonhos messiânicos. A história foi escrita mais tarde por alguns que não são seus amigos, a saber, os Deuteronomistas e escritores da escola de P. Mas mesmo quando o pior já foi dito, todos devem admitir que os judeus palestinos pelo menos ocuparam, em certa medida, a terra de Israel; nós pensamos que eles fizeram ainda mais.<sup>135</sup>

Por isso, as menções ao dilúvio por Isaías trazem uma compreensão da aliança noaica como composta de elementos incondicionais e condicionais. Por exemplo, a não mais destruição do mundo pelas águas, é uma cláusula incondicional. Porém, o Senhor pode destruí-lo de outro modo, muito semelhante ao dilúvio, não como um evento cosmológico,

<sup>131</sup>Ibidem, p. 300.

<sup>132</sup>Is 44,27: “que digo ao oceano (*nāhār*): “Seca-te, eu farei secar os teus rios”; 50,2: “É sabido que, com uma ameaça, seco o mar, reduzo os rios a deserto. Seus peixes se deterioram por falta de água, eles morrem de sede”; 51,10: “Não és tu aquele que secou o mar, as águas do Grande Abismo?”.

<sup>133</sup>Termo utilizado para designar ao “caos original”, a “des-criação”, ao nada (Gn 1,1).

<sup>134</sup>GUNN, David M. Deutero-Isaiah and the Flood. **Journal of Biblical Literature**. Vol. 94, n. 4, Dez, 1975.

<sup>135</sup>MAYNARD, 1917, p. 215.

mas como “um julgamento universal em resposta à corrupção da humanidade que resulta em uma redução ao caos primitivo”.<sup>136</sup>

Neste contexto, uma alusão ao dilúvio assume um significado particular. O livro foi aberto com a palavra de Yahweh ao seu povo, uma palavra que "permanecerá para sempre" [...], uma proclamação de conforto que é explorada e desenvolvida nos capítulos seguintes. Obviamente, da perspectiva do final do livro, essa palavra foi divulgada; essa promessa que o Senhor fez agora por meio de seu profeta. Está prestes a ocorrer uma libertação comparável à de Noé no dilúvio. Além disso, o profeta declara que, quando a libertação chegar, a palavra proclamada será vista como um "memorial" [...] para o Senhor e um "sinal".<sup>137</sup>

A aliança do Senhor é certa e duradoura (Is 55,10-13), pois desde Noé as águas nunca mais encobririam a Terra. Do mesmo modo, a promessa aos exilados será cumprida e certamente duradoura. A aliança de paz feita a Noé é o assunto de Is 55,10.

Com efeito, então, pode haver não dois, mas três pontos de referências na semelhança: a palavra de esperança dirigida ao povo exilado é descrita em termos do pássaro-mensageiro que procura um sinal de esperança em uma época anterior. Uma catástrofe comparada à chuva que produz as culturas que sustentam a vida.<sup>138</sup>

O capítulo 54 (v.1-4), o profeta Isaías o abre com uma esperança, em que por tudo o que Israel passou durante o exílio, o horizonte tem uma promessa fecunda, conquista territorial e prosperidade material. A promessa será cumprida antes que a mulher estéril, desonrada e abandonada pode ter filhos abundantes. “Essa vergonha será esquecida quando o Senhor, seu marido, tiver compaixão dela e a chamar de volta ao vínculo matrimonial (v.6-8). Esse vínculo nunca será quebrado e Israel nunca mais será rejeitado pelo Senhor; a benignidade do Senhor será eterna (v.8)”.<sup>139</sup>

No v.9 do mesmo capítulo, “como nos dias de Noé (*mê-Noah*), quando jurei que as águas de Noé (*mê-Noah*) nunca mais inundariam a terra, do mesmo modo juro agora que nunca mais me encolerizarei contra ti que não mais te ameaçarei”, o profeta faz uma comparação entre as águas de Noé com a nova aliança pós-exílica, como sendo unidimensional. E o profeta faz um jogo de palavras comparando o Israel exilado com uma tempestade (v.11: “Ó aflita, batida da tempestade, desconsolada, certamente revestirei de carbúnculo as tuas pedras, estabelecerei teus alicerces sobre a safira”). A ira de Deus é

<sup>136</sup>STREETT, 2007, p. 44.

<sup>137</sup>GUNN, 1975, p. 508.

<sup>138</sup>Ibidem, p. 506.

<sup>139</sup>STREETT, 2007, p. 47.

passageira, porque como ele deu as costas ao povo no dilúvio por pouco tempo, ele também o fez a Israel no exílio.

O dilúvio de Noé deu lugar a uma nova criação, uma terra reabastecida e uma nova aliança que continha uma promessa eterna de Deus. Da mesma forma, o exílio chegará ao fim quando Deus recriar Israel, fazer com que ela se multiplique, reabasteça a terra e renove sua aliança com ela. D. Gunn escreve sobre esta tipologia do exílio de inundações: “Deutero-Isaías viu o exílio e a libertação iminente como sendo essencialmente da mesma ordem que os eventos do dilúvio e o que se seguiu ... para ele o dilúvio, como o êxodo, foi um evento de grande valor paradigmático para as pessoas no exílio”.<sup>140</sup>

Is 54,9 (“Como nos dias de Noé - *mê-Noah* -, quando jurei que as águas de Noé - *mê-Noah* - nunca mais inundariam a terra, do mesmo modo juro agora que nunca mais me encolerizarei contra ti que não mais te ameaçarei”) recorda a aliança com Noé e ultrapassa o percurso histórico do povo de Israel, abrindo a uma perspectiva universal. “Noé “alcançou graça”, o dilúvio durou pouco, o ritmo cósmico e a vida humana continuaram; assim acontecerá agora, porque Jerusalém alcançou amor”.<sup>141</sup>

A frase "águas de Noé" é usada no livro de Isaías para introduzir a ideia de uma aliança imutável. Como Deus havia prometido a Noé que as águas do dilúvio não cobririam mais a terra, no exílio Ele jura que nos dias que virão não ficará mais zangado com Seu povo. A promessa é tão imutável quanto as colinas (Is 54,9-10).<sup>142</sup>

Em menção periférica sobre a narrativa do dilúvio, encontra-se em Is 59,6b.7b (“seus trabalhos são trabalhos iníquos, ações violentas - *hamās* - estão nas suas mãos...eles apressam-se a derramar sangue inocente”) o tema da violência como causa do dilúvio (Gn 6,11).

#### 2.4.2 Jeremias

O profeta Jeremias vê o exílio babilônico como um estado amorfo da matéria, ou seja, a terra ficou vazia e disforme (Jr 4,23). Neste contexto, o profeta compara a destruição de Jerusalém com o dilúvio, uma vez que este não destruiu completamente a terra. O relato está em Jr 4,27b: “toda a terra está devastada, mas não a aniquilarei completamente”.

Jeremias ainda condena a maldade e a perversidade do homem, uma vez que a ira divina é implacável e Ele se arrepende de fazer o bem ao homem. “[...] mas se ela faz o mal a

<sup>140</sup>STREETT, 2007, p. 48.

<sup>141</sup>SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 347.

<sup>142</sup>LEWIS, 1978, p. 8.

meus olhos não escutando minha voz, então eu me arrependo do bem que prometera fazer-lhe” (Jr 18,10).

Apesar de uma ira implacável, a conversão do homem ocasiona o arrependimento de Deus em destruí-lo. “Talvez escutem e se convertam cada um de seu caminho perverso: então me arrependerei (*nahām*) do mal que pensava fazer-lhes por causa da perversidade de seus atos” (Jr 26,3).

O profeta Jeremias percebe o fim da aliança mosaica e profere um oráculo onde Iahweh constituirá uma nova aliança. “Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que concluirei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma aliança nova (*b<sup>e</sup>rît hadaš*). Não como a aliança (*b<sup>e</sup>rît*) que concluí com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito – minha aliança (*b<sup>e</sup>rît*) que eles próprios romperam, embora eu fosse o seu Senhor, oráculo de Iahweh” (Jr 31,31-32).

#### 2.4.3 Baruc

A menção no livro de Baruc não é direta ao relato do dilúvio. Ele apenas menciona os chamados Nefilim (Gn 6,4; Nm 13,28-33; Dt 3,11), isto é, os gigantes que perverteram a terra. “É lá que nasceram os gigantes (*nefilim*), famosos desde as origens, descomunais na estatura e adestrados na guerra” (Br 3,26).

#### 2.4.4 Ezequiel

O livro do profeta Ezequiel provavelmente foi escrito durante o exílio do povo de Israel na Babilônia (século VI a.C.), com possíveis acréscimos posteriores, porque já no início do seu livro trata de assuntos bem específicos dos exilados (Ez 1).

Os exilados são ainda povo eleito? Retornarão eles à pátria? Nesse intervalo, a vida civil e religiosa prossegue em Jerusalém e Judá como esperança [...]. Os exilados não têm monarquia, o seu rei consome-se na prisão; também não têm mais culto, Deus está ausente. De repente, apresenta-se Deus nos céus da Babilônia, e escolhe para si um profeta a fim de que faça ouvir a sua palavra no meio dos exilados.<sup>143</sup>

Os exilados habitaram as margens do rio Cobar, um afluente do Eufrates ou um canal próximo de Nipur, por causa das terras férteis e das enchentes que ali aconteciam favorecendo a agricultura. O povo fora de sua pátria, sem templo, sem culto, mas Ezequiel trata da glória

<sup>143</sup>SCHÖKEL, L. Alonso; DÍAZ, J. L. Sicre. **Profetas II**. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 704.

do Senhor porque ela abandonou o templo (Ez 10) e para lá retornará (Ez 40). Fora do templo a glória do Senhor alcança o seu povo, mesmo em terra estrangeira.

O sinal do arco-íris<sup>144</sup> também aparece em Ezequiel (1,28: a aparência desse brilho, ao redor, era a aparência do arco - *qešet* - que, em dia de chuva, se vê nas nuvens) como sinal de paz, remetendo a Gn 9, e da glória de Deus. “Já desde o começo Ezequiel perceberá que Deus não é limitado pelas fronteiras, que a terra estrangeira é de certo modo terra eleita”.<sup>145</sup>

No sétimo capítulo do livro de Ezequiel, o tom da destruição de Jerusalém torna claro o uso do termo “fim”. “Agora chegou ao teu fim (*qēš*): desencadearé a minha ira contra ti e te julgarei de acordo com o teu comportamento; farei cair sobre ti as tuas abominações” (Ez 7,3). A causa da destruição de Jerusalém se dá por causa da violência que superabunda na cidade. “Faze uma cadeia, pois que a terra está cheia de execuções sangrentas, a cidade está cheia de violência (*hamās*)” (Ez 7,23).

No contexto da profecia da destruição de Jerusalém, o profeta cita o Noé (Ez 14,14: ainda que estejam ali estes três homens, a saber, Noé, Daniel e Jó, eles em virtude de sua justiça, salvarão as suas almas, oráculo de Iahweh) como paradigma de homem justo, juntamente com Daniel e Jó. Esses três homens estavam fora do povo eleito, ou melhor, da terra legal dos eleitos, mas Deus concedeu a eles a retribuição por serem justos e fieis, ou seja, “o Deus de todos os homens dá retribuição a todos”.<sup>146</sup>

No capítulo 28, no contexto da profecia sobre a queda do rei de Tiro, o profeta também menciona que uma das causas para sua queda se dará devido à violência do reino. “Em virtude do teu comércio intenso te encheste de violência (*hamās*) e caíste em pecado” (Ez 28,16).

---

<sup>144</sup>O termo arco-íris aparece apenas em três livros da Sagrada Escritura: Gn 9,13-16; Ez 1,28 e Ap 4,3; 10,1. A versão dos LXX, ou seja, a tradução grega do Antigo Testamento feita no século II a. C., traduz o termo hebraico *qešet*, literalmente seria arco no sentido de arma de guerra e caça (por exemplo: Gn 27,3; Is 7,24; Os 2,18; Zc 9,10), com o termo grego *ίρις*, recordando, possivelmente a mitologia grega em que Íris era a mensageira dos deuses do Olímpio e sempre que saía do Olímpio e descia a Terra trazendo consigo uma mensagem armava-se um arco colorido no céu e ela o porta sobre sua cabeça. A versão de São Jerônimo, a Vulgata, conservou o termo grego para se referir a esse arco. O arco é uma arma de guerra frágil, feito de varetas de madeira, amarrada com tiras de couro de animal. A ação de quebrá-lo simboliza o fim da luta ou a ação de depor o arco sinaliza um acordo entre as duas partes que lutam (VANGEMEREN, 2011, verbete: “arco”).

<sup>145</sup>SCHÖKEL; DIAZ, 1991, p. 706.

<sup>146</sup>Ibidem, p. 748.

### 2.4.5 Daniel

A figura lendária de Daniel só ficou famosa depois do exílio da Babilônia. A seu respeito uma série de relatos em aramaico é espalhada entre os judeus da diáspora. “O livro atual não pode ser oriundo do período do exílio, uma vez que reflete, em grande parte, a situação do século II”.<sup>147</sup> E percebe-se que o autor do livro de Daniel torna-se solidário com o povo de Israel que fora oprimido e provado e ele torna-se pelos seus escritos um verdadeiro “sábio visionário” que profetiza e motiva os revoltosos contra Antíoco IV, chamando-os “à confiança de uma intervenção libertadora da parte de Deus”.<sup>148</sup>

Uma menção indireta sobre a narrativa do dilúvio pode ser observada em Dn 8,17c.19: “Então ele me disse: “Filho de homem, saiba que a visão se refere ao tempo do Fim (*qēš*)”. ... E disse-me: “Dar-te-ei a conhecer o que acontecerá no término da ira, porque isto diz respeito à época fixada para o Fim (*qēš*)””. Trata da visão do profeta Daniel e a explicação da mesma realizada pelo anjo Gabriel.

A menção direta que o profeta faz ao dilúvio (Dn 9,26: “Seu fim será num cataclismo - *šetep* - e, até o fim, a guerra e as desolações decretadas”) refere-se sem dúvida à invasão militar do rei Antíoco<sup>149</sup>, quando este retorna da conquista no Egito.<sup>150</sup> Ainda sobre o tema escatológico supracitado, ocorre mais duas vezes no livro de Daniel, a saber, Dn 11,40 (“No tempo do Fim - *qēš* -, entrará em luta com ele o rei do sul, contra o qual o rei do norte se lançará com seus carros de guerra, seus cavaleiros e seus numerosos navios”) e Dn 12,4.6 (“Quanto a ti, Daniel, guarda em segredo estas palavras e mantém lacrado o livro até o tempo do Fim - *qēš* -. Muitos andarão errantes, e a iniquidade aumentará”). Ambas perícopes tratam do tempo do fim proferidas pelo profeta Daniel.

<sup>147</sup>SCHÖKEL; DIAZ, 1991, p. 1264.

<sup>148</sup>SCALABRINI, Patrizio Rota. **Livros Proféticos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 202.

<sup>149</sup>Dado o fim do Império Persa, emerge o grande império helênico sob o comando de Alexandre Magno. Alexandre Magno, o Macedônio, sai do mundo grego, domina a Ásia Menor, vence Dario, rei dos persas e dos medos, e toma todo o oriente (1Mc 1,1-9). Antíoco chega a Jerusalém em 167 a. C. para o processo de helenização do povo: o templo é transformado em santuário dedicado a Júpiter do Olímpio, instalando nele a estátua de deus Zeus (1Mc 1,10-15.54). Além disso, voltando de uma primeira campanha contra o Egito, em 169 a. C., saqueia o templo de Jerusalém, instala uma guarnição na cidade e começa a perseguir os Judeus (1Mc 1,16-53) (HARRINGTON, Wilfrid J. **Chave para a Bíblia: A revelação, a promessa, a realização**. São Paulo: Paulus, 1985).

<sup>150</sup>SCHÖKEL; DIAZ, 1991.

#### 2.4.6 Amós

“Chegou o fim (*qēš*) para meu povo Israel” (Am 8,2b). O profeta Amós trata do fim escatológico aplacado por Iahweh sobre Israel.

#### 2.4.7 Oseias

“Ouvi a palavra de Iahweh, israelitas, pois Iahweh abrirá um processo contra os habitantes da terra, porque não há fidelidade nem amor, nem conhecimento de Deus na terra. Mas perjúrio e mentira, assassínio e roubo, adultério e violência (*hamās*), e o sangue derramado soma-se ao sangue derramado. Por isso a terra se lamentará, desfalecerão todos os seus habitantes e desaparecerão os animais dos campos, as aves dos céus e até os peixes do mar” (Os 4,1-3). Na mesma esteira de outros profetas, Oseias também fala da violência como causa da destruição dos homens.

“Efraim é como uma pomba (*ynh*) ingênua, sem inteligência, pedem auxílio ao Egito, vão à Assíria” (Os 7,11). Oséias faz uma analogia entre a ave pomba com Israel que voa ao Egito e depois à Assíria. Ainda Os 11,11, faz essa mesma analogia: “Como um pássaro eles virão tremendo do Egito, como pombas (*ynh*), da terra da Assíria”.

Quanto aos ramos de oliveiras, o arrependimento e o retorno a Iahweh é como a glória das oliveiras “seus galhos se espalharão, seu esplendor será como o da oliveira (*zayît*) e seu perfume como o do Líbano” (Os 14,7).

#### 2.4.8 Sofonias

“Na verdade suprimirei tudo da face da terra, oráculo de Iahweh. Suprimirei homens e gado, suprimirei os pássaros do céu e os peixes do mar, farei tropeçar os perversos (*hamās*) e aniquilarei os homens da face da terra, oráculo de Iahweh” (Sf 1,2-3). O profeta Sofonias também trata do tema da violência como causa da destruição dos homens.



#### 2.4.9 Naum

Não seria absurdo datar a obra de Naum entre os anos de 668-654 a.C., porque ela “abrange desde a destruição de Tebas até a sua restauração”.<sup>151</sup> O hino que abre o livro do profeta Naum se refere sempre a YHWH como sendo ele um vingador, não como alguém que tem sede de vingança, mas como alguém que tem desejo de restabelecer a justiça por meio da punição. “Ele é um refúgio para quem o busca, mas decreta também punição, uma espécie de dilúvio para quem o busca”.<sup>152</sup>

No capítulo primeiro do profeta Naum, ele descreve, usando-se de metáfora, a teofania divina como uma tempestade e o Senhor caminha sobre a tempestade (Na 1,3: “Na tormenta e na tempestade é o seu caminho, a nuvem é a poeira de seus pés”). Fazendo uma alusão com o dilúvio de Noé (Na 1,7-8: “Ele conhece aqueles que nele se refugiam, mesmo quando sobrevém uma inundação - *šetep*”), o profeta fala de uma inundação, como profetizando o “dia da tribulação”. Contudo, “quando tudo treme diante dele e nem os montes nem rochedos oferecem segurança, ele oferece-se como refúgio e proteção, para além de toda criatura”.<sup>153</sup>

#### 2.4.10 Habacuc

O profeta Habacuc fala de um tema peculiar, onde o justo vive pela fidelidade a Iahweh e isso terá uma forte ressonância no Novo Testamento, ou seja, a compreensão de que a justificação e a fé seriam anteriores à Lei. “Eis inflado de orgulho aquele cuja alma não é reta, mas o justo (*yšr*) viverá por sua fidelidade” (Hc 2,4).

Tratando da esperança em Iahweh, o profeta utilizará a imagem da oliveira. “Decepcionará o produto da oliveira (*zayît*), e os campos não darão de comer. Eu, porém, me alegrarei em Iahweh, exultarei no Deus de minha salvação” (Hc 3,17-18).

#### 2.4.11 Ageu

O profeta Ageu fala da prosperidade agrícola ao povo pós-exílio da Babilônia. “Também a vinha, a figueira, a romãzeira e a oliveira (*zayît*) nada deram. A partir deste dia eu darei a minha bênção” (Ag 2,19).

<sup>151</sup>SCHÖKEL; DIAZ, 1991, p. 1106.

<sup>152</sup>SCALABRINI, 2019, p. 289.

<sup>153</sup>SCHÖKEL; DIAZ, 1991, p. 1112.

#### 2.4.12 Zacarias

“Haverá um único dia – Iahweh o conhece –, sem dia e sem noite, mas à tarde (*'ēṭ*) haverá luz. E acontecerá, naquele dia, que sairá água viva de Jerusalém, metade para o mar oriental, metade para o mar ocidental, no verão e no inverno (*qayiš*)” (Zc 14,7-8). O tempo do entardecer nos profetas vai tomando uma conotação escatológica salvífica, uma vez que os frutos dão sempre tanto no inverno quanto no verão. Não obstante, as promessas divinas são cumpridas o tempo todo.

A primeira menção ao monte das Oliveiras<sup>154</sup> acontece em Zc 14,4: “Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras (*har hazzētîm*), que está diante de Jerusalém, na parte oriental. O monte das Oliveiras se rachará pela metade, e surgirá do oriente para o ocidente um enorme vale”. Neste contexto, o profeta trata da destruição de Jerusalém, ou seja, todas as nações virão contra ela e a destruirão. “Reunirei todas as nações contra Jerusalém para o combate; a cidade será tomada, as casas serão saqueadas, as mulheres violentadas; a metade da cidade sairá para o exílio, mas o resto do povo não será eliminado da cidade” (Zc 14,2).

Dado o desenvolvimento do capítulo até aqui, destaca-se que a releitura da narrativa do dilúvio pode ser observada em três aspectos: o estado de caos, a soberania de Iahweh e o escatológico. Quanto ao estado de caos, ele é ocasionado pela infidelidade por parte do povo de Israel à aliança de Iahweh. A destruição da terra pelo dilúvio, escravidão ou exílio é uma vontade divina para eliminar toda a maldade do homem. Apesar deste estado amorfo da Terra Prometida, Deus coloca ordem no caos, porque ele é o soberano, o dominador da natureza e de suas destruições. A conversão do povo de Israel ou a existência de um justo, como Noé, Deus desiste de destruir, arrepende-se do que fizera e abre uma nova forma de se relacionar com seu povo, a amada, isto é, estabelece uma aliança. Conseqüentemente, abre a esperança ao povo, porque Iahweh é capaz de destruir e reconstruir/salvar o seu povo, no entardecer do dia final. Por fim, encerrado o percurso do Antigo Testamento, cabe investigar as menções do dilúvio no Novo Testamento, que seguirá no capítulo seguinte, uma vez que “Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo” (Lc 1,68).

<sup>154</sup>Outras menções do Monte das Oliveiras acontecem, a saber: quando Davi foge de Absalão que se revolta contra o rei (2Sm 15,30); o rei Salomão que constrói altares a ídolos no monte das Oliveiras (1Rs 11,7: construção do santuário para Camos, abominação de Moab e para Moloc, abominação dos amonitas; 2Rs 23,13: a reforma religiosa do rei Josias destrói os santuários); os judeus que constroem suas tendas no sopé do monte (Ne 8,14-16: ao proclamar o Livro da Lei, percebem que os judeus deveriam morar em tendas feitas de ramos de oliveiras durante a festa das Tendias – Lv 23,33-43); e o profeta Ezequiel que vê a glória de Deus que se retira de Jerusalém e pousa sobre o monte ao oriente da cidade (Ez 11,23).

### 3 O DILÚVIO NO NOVO TESTAMENTO

Neste capítulo, serão tratadas as recorrências dos termos 'dilúvio' e 'Noé' no Novo Testamento com o fim de analisar a continuação da tradição bíblica sobre esse tema e suas variações teológicas, especialmente nos campos da exemplaridade moral e interpelações escatológicas.

As menções diretas do dilúvio ou Noé no Novo Testamento podem ser encontradas em: Mt 24,37-39 (paralelo a Lc 17,26-35) que fala dos dias de Noé; Hb 11,7 que trata Noé no rol dos modelos de fé; 1Pd 3,20-22 que aborda o batismo como antítipo do dilúvio; 2Pd 2,5 trata Noé como “arauto da justiça”. Lewis (1978) classifica as passagens como: as de interesse moral e as tipológicas<sup>155</sup>. Para o autor, sobre o interesse moral, Hb 11,7 apresenta Noé “como um exemplo de fé obediente que, quando advertido de Deus sobre as coisas invisíveis, construiu uma arca, salvou sua casa, condenou o mundo e se tornou o herdeiro da justiça que vem pela fé”. Essa imagem de Noé foi construída pelo profeta Ezequiel (14,14.20).<sup>156</sup>

Quanto ao modo tipológico de ler o episódio do dilúvio, a primeira carta de Pedro o associa ao batismo, e, em conjunto com os evangelhos de Mateus e Lucas fazem uma releitura escatológica aos dias de Noé.<sup>157</sup>

A tendência geral é ver nele o que o escritor aceitou em outras bases. Isso é verdade tanto para o ortodoxo quanto para o herege. Todos os pressupostos não são rastreáveis, mas as alusões ao dilúvio feitas no N.T. são bastante determinantes para a maioria dos escritores. O significado cristológico do A.T. é sempre pressuposto. Alguns motivos que ocorrem mais de uma vez podem ter sido bastante padronizados. Entre eles estão o papel atribuído ao “justo Noé”; a pregação de Noé; Noé como um tipo de Cristo; o dilúvio como uma espécie de batismo; o dilúvio

<sup>155</sup>O termo grego *typós* pode ser traduzido e compreendido como uma “forma oca” ou “molde”. Desse modo, a leitura tipológica trata de um empreendimento hermenêutico do NT, que estuda as realidades históricas da salvação do AT e os “tipos” “para corresponder preditivamente aos aspectos de seus cumprimentos antítipos intensificados (inaugurado, apropriado e consumado) na história da salvação no NT”. Ela precisa abarcar cinco elementos: A) o elemento histórico, isto é, a correspondência histórica entre o tipo e o antítipo; B) o elemento escatológico, ou seja, um antítipo do “Dia do Senhor”, tomado, por vezes, como sinônimo de Apocalipse; C) o elemento cristológico-soteriológico, onde a essência e a verdade do tipo mira em Cristo e a salvação; D) o elemento eclesiológico que preenche os receptores da obra de salvação de Cristo, isto é, seja o adorador individual, a assembleia reunida ou os sacramentos da igreja; E) por fim, o elemento profético. Esse último elemento indica a prefiguração das realidades do NT, isto é, o autor sagrado, inspirado por Deus, escreve os elementos de prefiguração (pessoas, instituições, eventos, etc.) para serem relidos e encontrados com a plenitude dos tempos, dado em Jesus Cristo. Desse modo, os exegetas do NT não inventam ou fazem um esforço meramente humano para encontrar os *typós* do AT, mas eles encontram essas prefigurações divinamente ordenadas (DAVIDSON, Richard M. A Natureza [e Identidade] da Tipologia Bíblica – Questões Cruciais. *Hermenêutica*, 4, p. 61-99, 2004. Tradução do Dr. Ozeas Caldas Moura. In: <http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/hermeneutica/article/viewFile/191/187>).

<sup>156</sup>LEWIS, 1978, p. 101.

<sup>157</sup>Ibidem.

como uma espécie do fim dos tempos; e, finalmente, a bênção de Noé como promessa da pregação do Evangelho aos gentios.<sup>158</sup>

Existem outras passagens que se aproximam da narrativa do dilúvio, apesar de não aparecer a mesma terminologia *kataklismós*, porém tratam de temas semelhantes. Como exemplos, tem-se “a tempestade acalmada por Jesus”: Mt 8,23-27 (*seismós*); os paralelos em Mc 4,35-41 e Lc 8,22-25 – utilizam o termo grego *lailaps* - tempestade de chuva furiosa; “Jesus que caminha sobre as águas” (Mt 14,22-33; Mc 6,45-52; Jo 6,16-21); e o “rio de água” em Ap 12,15 - *potamós*. Existem outras menções indiretas do dilúvio, e, como no capítulo precedente, maior ênfase se dará nas menções diretas, enquanto as menções indiretas serão escolhidas dentre as que mais se aproximam do relato do dilúvio.

### 3.1 EVANGELHOS SINÓTICOS

A formação dos evangelhos obedece a três estágios de datação. O primeiro é a vivência dos apóstolos e discípulos com Jesus, ouvindo dele o evangelho (anos 28-30); depois a sua transmissão oral no processo de evangelização (anos 30-70); por fim, a escrita dos textos propriamente dita (anos 70-100). A hipótese mais aceita é de que o evangelho de Marcos seja o mais antigo dos três evangelhos sinóticos. Mateus e Lucas inspiram-se nos escritos de Marcos e uma segunda fonte, chamada *Quelle* (Q), constituída pelos ditos de Jesus. Não se desconsidera as fontes independentes de ambos os evangelhos, uma vez que existem episódios únicos em cada evangelho.<sup>159</sup>

Nos evangelhos de Mateus e Lucas, a comparação entre os dias de Noé e os do Filho do Homem é clara, principalmente, no contexto da indiferença dos ímpios que perverteram o tempo pré-diluviano como nos dias das comunidades mateana e lucana. Um paralelo a essa interpretação dos fins dos tempos se dá também no livro do profeta Isaías (cf. 24,1.4-5).<sup>160</sup>

#### 3.1.1 Evangelho de Mateus

“José, seu esposo, sendo justo (*díkaios*) e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo” (Mt 1,19). A ideia de justo, nesta passagem do evangelho de Mateus, não se trata de um executor da Lei, mas um tipo de justiça própria de um “homem

<sup>158</sup>LEWIS, 1978, p. 120.

<sup>159</sup>PENNA, Romano. **A formação do Novo Testamento em suas três dimensões**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

<sup>160</sup>LEWIS, 1978, p. 115.

piadoso, reto, temente a Deus, obediente à Sua vontade”. A atitude de José em abandoná-la em segredo é o sentimento do justo que diante da manifestação divina não se acha digno de permanecer no local, e por isso faz de José uma testemunha fidedigna da concepção virginal de Maria.<sup>161</sup>

“Batizado, Jesus subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba (*perysterá*) e vindo sobre ele” (Mt 3,16). A alusão do Espírito de Deus que desce como uma pomba, faz menção ao Espírito que fecunda as águas na criação (Gn 1,2) como também o fim da destruição pelas águas do dilúvio (Gn 8,11), conseqüentemente, a salvação de Noé e sua família.

“E nisso, houve no mar uma grande agitação (*seismós*), de modo que o barco era varrido pelas ondas” (Mt 8,24). Neste episódio narrado, a grande agitação acalmada pela ordem de Jesus revela o poder sobre-humano de Jesus, igualando-o a Iahweh que “submete com sua palavra as indomáveis forças do caos”.<sup>162</sup> Caos, em hebraico *tehôm*, comumente traduzido “mar primordial”, é dominado pela força de Iahweh, e por isso, a pergunta “Quem é este a quem até os ventos e o mar obedecem?” (Mt 8,27), a priori, fica sem resposta.

A mesma cena aparece em Mt 14,25: “Na quarta vigília da noite, ele dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar (*thálassa*)”, demonstrando assim o poderio de Jesus sobre a natureza criada e revelando sua divindade.

Mt 24,37-39: “Como nos dias de Noé (*eméra toû Noah*), será a Vinda do Filho do Homem. Com efeito, como naqueles dias que precederam o dilúvio (*kataklismós*), estavam eles comendo, bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca (*kibotós*), e não perceberam nada até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na Vinda do Filho do Homem”.

Mateus escreve o evangelho para uma comunidade judaico-cristã, porque destaca e associa Jesus como sendo o novo Moisés. Isso se dá pelo “acento posto sobre a Lei, da qual Jesus disse não passará só um iota (Mt 5,18) ou pelo conceito de “justiça” como comportamento ético (5,20; 6,1)”. Neste contexto, imagina-se que a “comunidade mateana deveria estar passando por alguma dissensão interna a propósito da destinação do anúncio evangélico”.<sup>163</sup>

Deve-se, todavia, dizer que o versículo não tem como centro de interesse a realidade cristológica. Apenas sublinha a indeterminação e a imprevisibilidade do último dia.

<sup>161</sup>LANCELLOTTI, Angelo. **Comentário ao evangelho de São Mateus**. Petrópolis, RJ: Vozes 1980, p. 40.

<sup>162</sup>Ibidem, p. 91.

<sup>163</sup>PENNA, 2014, p. 78.

Exclui-se qualquer prognóstico; é impossível qualquer programação do futuro. Impor-se-á, ao contrário, uma espera vigilante, é quanto mostra, logo depois, a comparação com os contemporâneos de Noé. Vivendo sem a menor atenção, eles foram arrastados pela catástrofe. A revocação do longínquo dilúvio tem algo de ameaçador.<sup>164</sup>

Os capítulos 24 e 25 do evangelho de Mateus tratam de um longo discurso escatológico (24,1-25,46), isto é, discurso sobre os últimos tempos. O tom da vigilância percorre parte do capítulo 24 (vv.37-51), porque não se pode saber “quando o Filho do Homem virá”.<sup>165</sup>

São João Crisóstomo ao comentar essa perícopie de Mateus (*Homiliae in Mattheaem*, hom. 77,2) diz que:

Ou haverá libertinagem e paz àqueles que insensivelmente estiverem ordenados para isso. Por esse motivo não disse o apóstolo: quando houver paz, mas sim “paz e segurança” (1Ts 5,3) – apontando para a insensibilidade daqueles (os ímpios), assim como dos que viviam no tempo de Noé, uma vez que os maus se entregavam à dissolução, mas não os justos, que viviam constantemente na tribulação e na tristeza. [...] põe um exemplo que vem muito a propósito neste caso: quando, pois, construía-se a arca, Noé pregava no meio de todos, predizendo os males futuros. Mas os homens maus, não acreditando, como se não viesse mal nenhum no futuro, entregavam-se à licenciosidade; e uma vez que as coisas futuras não são criadas por muitos, Ele as torna críveis pelo exemplo das passadas.<sup>166</sup>

Nesse tom escatológico, o evangelista Mateus adverte aos ouvintes para escutarem a pregação de Jesus Cristo, aqui mediado pelos apóstolos, para que permanecendo n’Ele sejam salvos. Desse modo, as ações dos cristãos da comunidade mateana precisam ser mudadas, serem convertidas para que eles alcancem paz e segurança, como nos tempos de Noé.

“[...] pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança (*diatéke*), que é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26,28). O evangelista narra a recordação de Jesus da aliança entre Iahweh e o povo de Israel tratada no livro do Êxodo (24,8). A aliança mediada por Moisés foi feita no sangue de animais, e agora, a definitiva aliança com seu povo se dará com o derramamento do sangue de Jesus na cruz.

Sobre o Monte das Oliveiras, encontra-se em duas passagens, a saber, Mt 21,1: “Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, no monte das Oliveiras, Jesus enviou dois discípulos” e Mt 26,30.36: “Depois de terem cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras (*‘óros ‘ó ‘Eláia*). Então Jesus foi com eles a um lugar chamado Getsêmani

<sup>164</sup>FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os evangelhos I**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2014, p. 361.

<sup>165</sup>BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 294.

<sup>166</sup>AQUINO, Santo Tomás de. **Catena Aurea**: exposição contínua sobre os evangelhos. Vol. 1: Evangelho de Mateus, Campinas, SP: Ecclesiae, 2019a, p. 748-749.

(*Gethsēmani* – era um jardim onde se tinha a prensa para extração do azeite da oliveira que seria utilizado no candelabro e na lâmpada do Templo) e disse aos discípulos: “Sentai-vos aí enquanto vou até ali para orar”<sup>167</sup>. Mateus faz a releitura da profecia de Zacarias (14,4), em que Deus pisaria no monte das Oliveiras, localizado ao oriente de Jerusalém, e viria ao encontro com a cidade, para destruí-la. Porém, Jesus pisa no monte das Oliveiras, adentra a cidade de Jerusalém para salvar.

### 3.1.2 Evangelho de Marcos

“E, logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba (*perysterá*), descer até ele” (Mc 1,10). Em recordação dos eventos salvíficos passados, o profeta Isaías (63,11) vai proferir: “Mas depois lembrou-se dos tempos antigos, de Moisés, seu servo. Onde está aquele que fez subir do mar o pastor do seu rebanho? Onde está aquele que pôs o seu Espírito santo no seio do povo?”. Desse modo, o evangelista muito provável recorda no batismo de Jesus a experiência de Moisés, que pela ação do *ruah* divino, ele travessa o Mar Vermelho (Ex 14,15-18). A pomba aparece como sinal da presença do Espírito de Deus.

“Sobreveio então uma tempestade de vento (*lailaps*), e as ondas se jogavam para dentro do barco e o barco já estava se enchendo” (Mc 4,37). A experiência dramática de uma tempestade no mar da Galileia que quase afunda o barco se torna agora uma experiência de fé, uma manifestação da soberania de Jesus (cf. Sl 107,23-30). “À consciência dos discípulos Jesus aparece como o Senhor de sua fé bíblica, o qual de maneira única e com poder soberano domina as forças enfurecidas”<sup>167</sup>.

“[...] pela quarta vigília da noite dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar (*thálassa*)” (Mc 6,48b). Em contraste com a tempestade acalmada (Mc 4,37), o evangelista Marcos depois do milagre da multiplicação dos pães, coloca Jesus como aquele que caminha sobre o mar, isto evoca a imagem de Deus que caminha sobre as ondas do mar (cf. Jó 9,8; Sl 77,20). Os discípulos e as multidões só puderam compreender os milagres de Jesus, depois que compreenderam quem era Jesus. A consciência e o coração do discípulo podem “ficar endurecidas e cegos se não houver a plena abertura para o encontro com a realidade profunda e o destino misterioso de sua pessoa”<sup>168</sup>.

<sup>167</sup>FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 470.

<sup>168</sup>Ibidem, p. 494.

“Ao se aproximarem de Jerusalém, diante de Betfagé e de Betânia, perto do monte das Oliveiras, enviou dois dos seus discípulos” (Mc 11,1). A entrada de Jesus em Jerusalém pelo lado oriental da cidade, isto é, o ponto de referência é o monte das Oliveiras, está em consonância com a profecia de Ezequiel (cf. 44,1-3) em que o rei seria entronizado na cidade pela porta dourada que fica no oriente.

“E disse-lhes: ‘isto é o meu sangue, o sangue da Aliança (*diatéke*), que é derramado em favor de muitos’” (Mc 14,24). Familiarizados com a aliança feita no Monte Sinai com Moisés (Ex 24,3-8), em que ele derramou metade do sangue dos animais para selar a comunhão entre Deus e seu povo, “agora não é mais um sangue de valor simbólico que une os membros desta aliança ou comunidade renovada, mas a realidade expressa pelo sangue derramado: o amor fiel até a morte”.<sup>169</sup>

“E foram a um lugar (*chorion*) chamado Getsêmani (*Gethsêmani*)” (Mc 14,32). O evangelista Marcos não fala que Jesus foi ao monte das Oliveiras, literalmente, mas a partir dos outros evangelhos sinóticos, entende-se que o lugar chamado Getsêmani fica no sopé do monte, como já referido em Mt 26,30s.

### 3.1.3 Evangelho de Lucas

“[...] e para oferecer em sacrifício, como vem dito na Lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos (*perysterá*)” (Lc 2,24). Todo o primogênito era consagrado a Iahweh, porque ele “abre o seio materno”, por isso, ele é “sagrado, isto é, propriedade de Deus”.<sup>170</sup> Na prescrição da lei judaica, as famílias de condições modestas poderiam oferecer o par de rolas ou de pombos (cf. Ex 13,11-16).

“[...] e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, como pomba (*perysterá*)” (Lc 3,22). Lucas frisa que o Espírito Santo desceu, na forma corpórea, como o esvoaçar, isto é, o agitar das asas, mas também o modo de voar rasante do pombo, recordando assim, o pairar do espírito na criação (cf. Gn 1,2), e o voo apressado da pomba que carrega o ramo de oliveira (cf. Gn 8,11).

“Enquanto navegavam, ele adormeceu. Desabou então uma tempestade de vento (*lailaps*) no lago; o barco se enchia de água e eles corriam perigo” (Lc 8,23). A tempestade acalmada na narrativa lucana demonstra a onipotência de Jesus aos modos de Iahweh que domina toda a natureza criada, principalmente, a tempestade e o mar (o caos).

<sup>169</sup>FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 591.

<sup>170</sup>LANCELOTTI, Angelo. **Comentário ao evangelho de São Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979, p. 53.



“Olhai os corvos (*korax*): eles não semeiam nem colhem, não têm celeiro nem depósito; mas Deus os alimenta” (Lc 12,24). Lucas difere de Mateus nesta narrativa da providência divina, porque Mateus (cf. 8,26) utiliza o termo genérico “pássaros” (*peteinón*), enquanto Lucas, mesmo tendo os corvos como um animal impuro, como visto no capítulo precedente, ele os coloca na esteira da providência divina, demonstrando que até os impuros também são destinatários da providência. “[...] a ação soberana de Deus, que cuida também dos animais impuros, como eram os corvos para o leitor da Bíblia, e das coisas efêmeras, como as flores dos campos ou a erva que brota por um dia só. É insensato angustiar-se com a vida, sobre a qual o homem não tem poder algum”.<sup>171</sup>

Lc 17,26-27: “Como aconteceu nos dias de Noé (*eméra Noah*), assim também ocorrerá nos dias do Filho do Homem. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento até o dia em que Noé entrou na arca (*kibōtos*); então veio o dilúvio (*kataklismós*), que os fez perecer a todos”. No evangelho de Lucas, o “hoje” torna-se importante, porque para o evangelista, em Cristo chegou a salvação: “assim, por cinco vezes é enfatizado o poder soteriológico da presença de Jesus, do seu nascimento até a palavra dirigida ao bom ladrão na cruz (cf. 2,11; 4,21; 19,5.9; 23,43)”.<sup>172</sup>

Visto que a viagem de Jesus logo terminará com sua partida deste mundo, é conveniente que ele agora passe aos fariseus e, a seguir, aos discípulos um ensinamento escatológico (Lc 17,20-37), tirado de Q, de L e de composições próprias de Lucas como uma prévia e quase um duelo do sermão escatológico a ser apresentado no cap. 21 [...] Os traços lucanos mais interessantes incluem: o reino de Deus não pode ser observado e se encontra no meio de nós; o julgamento é imprevisivelmente discriminatório, escolhendo uma pessoa e deixando outra (Lc 17,31).<sup>173</sup>

Ao comentar essa perícopes de Lucas, Santo Eusébio diz:

É para notar que o fogo do céu não desceu sobre os ímpios habitantes de Sodoma antes que Ló deixasse a cidade; do mesmo modo o dilúvio, que caiu sobre a Terra matando todos os seus habitantes somente após Noé ter entrado na arca. Porque, enquanto eles viveram entre ímpios, Deus refreava a própria ira, por evitar assim que sucumbissem ao lado dos pecadores. Quando, porém, decidiu destruir estes, separou-lhes dos justos. Assim sucederá na consumação dos séculos, quando os justos serão apartados dos iníquos.<sup>174</sup>

<sup>171</sup>FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os evangelhos II**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 141.

<sup>172</sup>PENNA, 2014, p. 79.

<sup>173</sup>BROWN, 2012, p. 358.

<sup>174</sup>AQUINO, Santo Tomás de. **Catena Aurea**: exposição contínua sobre os evangelhos. Vol. 3: Evangelho de Lucas, Campinas, SP: Ecclesiae, 2019b, p. 521.

Não obstante ao exposto, em Lucas, o poder soteriológico na permanência de Jesus se consumará como nos dias de Noé, isto é, o hoje de Lucas acontece separando os justos e destruindo os injustos.

Neste ponto relata-se o exemplo de dois julgamentos típicos da história bíblica: um do dilúvio, outro sobre a cidade de Sodoma. Também na antiga tradição judaica os dois acontecimentos são propostos como julgamentos exemplares sobre os pecadores. A interpretação evangélica insiste na negligência do julgamento por parte dos contemporâneos de Noé e Ló, totalmente imersos nas preocupações da vida. [...] Deve-se estar dispostos a sacrificar tudo para salvar o essencial: a fidelidade ao projeto de Deus. Na base deste comportamento de fundo far-se-á o julgamento, a divisão entre os justos e os pecadores: os primeiros serão assumidos, salvos, os outros deixados na situação de morte.<sup>175</sup>

“Essa taça é a Nova Aliança (*kainós diatéke*) em meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22,20b). A aliança é estabelecida no sangue de Jesus derramado na Cruz. O diferencial de Lucas é que a aliança é precedida do “nova”, ou seja, ele “tem em mira a fundação do novo Israel, como fora prometido nos vaticínios proféticos (Jr 31,31)”.<sup>176</sup>

“Ao se aproximarem de Betfagé e de Betânia, perto do chamado monte das Oliveiras, enviou dois discípulos” (Lc 19,29). A tradição da qual está imerso o evangelho de Lucas e os demais sinóticos, refere-se a antigas profecias que davam expectativas messiânicas (cf. Zc 9,9; 14,4; Ez 43,1-3). O trajeto corresponde a um corriqueiro caminho de peregrinos que vão à cidade de Jerusalém passando por Jericó e os povoados de Betânia e Betfagé. “Toda a encenação do evangelho evoca estas imagens de esperanças salvíficas e messiânica. A entrada de Jesus se torna assim uma ação simbólica, que interpreta as expectativas dos discípulos e expressa a consciência messiânica de Jesus”.<sup>177</sup>

O mesmo cenário cheio de símbolos proféticos e messiânicos encontra-se em Lc 22,39: “Ele saiu e, como de costume, dirigiu-se ao monte das Oliveiras (*óros ó ‘Eláia*)”. Neste contexto, o mestre ensina seus discípulos a orarem diante da agonia mortal, isto é, da provação. “Orai para não cairdes em tentação” (Lc 22,40).

### 3.2 CARTAS PAULINAS E DEUTERO-PAULINAS

O chamado *Corpus* paulino compreende todas as cartas que tradicionalmente levaram Paulo como autor. Dentre o conjunto das cartas, diferenciam-se as Proto-Paulinas que são autênticas de Paulo e as Deutero-Paulinas que foram escritas depois da morte de Paulo ou

<sup>175</sup>FABRIS, BARBAGLIO, 2006, p. 174.

<sup>176</sup>LANCELOTTI, 1979, p. 207.

<sup>177</sup>FABRIS, BARBAGLIO, 2006, p. 192.

encomendadas por ele, isto é, não seriam do próprio punho de Paulo. O epistolário autêntico paulino foi escrito entre os anos 50 e 60, precedendo os evangelhos que começam a ser escritos depois do ano 60. As cartas autênticas de Paulo são: Romanos, 1ª e 2ª aos Coríntios, Gálatas, Filêmon, 1ª aos Tessalonicenses e aos Filipenses. As consideradas Deutero-Paulinas são: Efésios, Colossenses, 2ª aos Tessalonicenses, 1ª e 2ª a Timóteo e a Tito.<sup>178</sup>

### 3.2.1 Carta aos Romanos

É uma carta escrita de Corinto, em sua terceira viagem missionária (anos 54-56), narrada em At 19,8-10, e não apresenta o problema histórico da comunidade romana, por isso, ela se enquadra a uma carta didática, para “delinear os conteúdos fundamentais de seu Evangelho”.<sup>179</sup>

Em Rm 1,9: “Deus é testemunha, a quem presto culto espiritual (*pneuma*), anunciando o Evangelho de seu Filho, de como me lembro de vós”, Paulo apresenta suas credenciais e recorda à comunidade de que ele ora incessantemente pela comunidade romana.

A tese a ser desenvolvida por Paulo na carta é a da vivência exclusiva do justo pela fé, fundada na profecia de Habacuc (2,4). “Porque nele [Evangelho] a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: *O justo (dikaïos) viverá da fé*” (Rm 1,17).

Em contraposição à Lei mosaica que dá a norma carnal, a comunidade cristã é chamada a viver a Lei o Espírito, mesmo que os cristãos vivam o sofrimento e a morte física. “[...] nós, que temos as primícias do Espírito (*pneuma*), gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo” (Rm 8,23). O *pneuma* para Paulo é a ponte indelével entre o homem e Deus, que para acolhê-lo é necessário a *pístis*, isto é, a fé e a fidelidade.<sup>180</sup>

### 3.2.2 Primeira Carta aos Coríntios

A primeira carta aos Coríntios foi escrita por volta dos anos 51 e 52, da cidade de Éfeso (At 18,18-19), e trata dos problemas práticos da comunidade: com relação às virgens (7,25); aos idolotitos (8,1); aos carismas (12,1); e o tema da coleta (16,1).

1Cor 11,25b: “Este cálice é a nova Aliança (*kainós diatéke*) em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim”. Esta narrativa está no contexto das carnes sacrificadas aos ídolos na cidade de Corinto que se distingue da verdadeira Ceia do

<sup>178</sup>PITTA, Antonio. **Cartas paulinas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

<sup>179</sup>PITTA, 2019, p. 195.

<sup>180</sup>Ibidem.

Senhor, que Paulo buscou transmitir à assembleia a tradição que remonta a *ipsissima verba Jesu*, isto é, daquilo que ele recebeu da tradição que se identifica com o próprio Jesus.<sup>181</sup>

### 3.2.3 Carta aos Gálatas

Paulo evangeliza a região central da Turquia durante sua segunda viagem missionária (At 16,10; entre os anos 49 e 52). Enquanto estava em Corinto ou em Éfeso (54-58), Paulo recebeu notícias da comunidade da Galácia e então, provavelmente, escreve a carta.

“E que pela Lei ninguém se justifica diante de Deus é evidente, pois *o justo (díkaios) viverá pela fé*” (Gl 3,11). A Lei mosaica não justifica por si mesma, porque mesmo praticando e observando a Lei, o justo só conseguirá viver pela fé (cf. Hab 2,4). O fator definitivo dessa transição se dá com a intervenção de Cristo, que “nos resgatou da maldição da Lei tornando-se maldição para nós, porque está escrito: *maldito todo aquele que é suspenso no madeiro (xýlon)*” (Gl 3,13). Apesar da aparência de maldição (Dt 21,22: “Se um homem, culpado de um crime que merece pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore (*xýlon*) [...]”), o levantado no madeiro é o elo entre a bênção de Abraão e todos os gentios.

### 3.2.4 Primeira carta a Timóteo

Toda a carta pastoral a Timóteo é um reforço para a perseverança da comunidade na sã doutrina pregada por Paulo e a exortação para o afastamento de doutrinas estranhas. “Eles [os que renegarão a fé] proibem o casamento, exigem abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos, com ação de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade [...]. Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado como ação de graças” (1Tm 4,3-4). “A santificação não vem da abstinência das coisas criadas, mas da atitude interior daqueles que a recebem como fruto da Palavra de Deus e se aproximam delas com a oração de súplicas”.<sup>182</sup>

## 3.3 CARTA AOS HEBREUS

---

<sup>181</sup>Ibidem.

<sup>182</sup>MARTIN, Aldo; BROCCARDO, Carlo; GIROLAMI, Maurizio. **Cartas deuteropaulinas e cartas católicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, p. 153.

Sobre a datação e o contexto da Carta aos Hebreus, pode-se supor a hipótese de que ela foi elaborada entre os anos 60 e 100, e no ambiente da comunidade ou de cristãos oriundos da Itália (cf. Hb 13,24<sup>183</sup>). O largo período para a sua escrita se dá devido ao fato de que existe, ainda hoje, incertezas sobre a exatidão do ano. Assim, alguns a colocam antes da destruição do Templo de Jerusalém, que se deu no ano 70; outros a colocam no final do século I, por aparecer em escritos desse tempo, como por exemplo, nos de Clemente (anos 90-120) e nos de Pastor de Hermas (anos 120 e 140). A suposição mais aceita é de que “a comunidade à qual se dirige o texto está ameaçada por um enfraquecimento da fé, pela qual se deve oferecer uma motivação renovada e sólida”.<sup>184</sup>

“Agora, porém, Cristo possui um ministério superior. Pois é ele o mediador de aliança (*diatéke*) bem melhor, cuja constituição se baseia em melhores promessas. De fato, se a primeira aliança (*diatéke*) fora sem defeito, não se trataria de substituí-la pela segunda” (Hb 8,6-7). A aliança concluída por Jesus Cristo não apenas se torna definitiva como também excelsa e definitiva, tornando, assim, as demais alianças com Noé e Abraão que culminaram com a de Moisés obsoletas e superadas com esta melhor aliança.

“O meu justo (*díkaios*) viverá pela fé, mas se esmorecer, nele não encontrarei mais nenhuma satisfação” (Hb 10,38). Retomando o profeta Habacuc (2,3-4), o autor da carta aos Hebreus “reforça a certeza da intervenção de Deus: graças a esta ‘reserva escatológica’ o justo pode ‘viver pela fé’, é essencial não ceder”. O assunto da perseverança e da fé tratado neste contexto da carta abre o próximo bloco sobre a fé dos antigos.<sup>185</sup>

Hb 11,7: “Foi pela fé que Noé (*Noah*), avisado divinamente daquilo que ainda não se via levou a sério o oráculo e construiu uma arca (*kibōtos*) para salvar sua família. Pela fé, condenou o mundo, tornando-se o herdeiro da justiça que se obtém pela fé”.

Os cristãos que outrora foram batizados (“iluminados”) suportaram crueldades, perseguições e diversos tipos de aflições, porém, mesmo assim, suportaram tudo com alegria, paciência e fé. Agora, mais do que nunca os cristãos precisaram suportar tudo novamente a fim de salvar a alma (Hb 10,32-39).<sup>186</sup> Não obstante, esta última seção da carta aos Hebreus, dedica-se “à importância da fé como critério que sustenta a existência do cristão em vista da futura terra prometida”.<sup>187</sup>

<sup>183</sup>Esse *locus* da carta é incerto, porque o texto se abre a outras interpretações, que não serão tratadas aqui. Para saber mais cf.: MARTIN; BROCCARDO; GIROLAMI, 2020, pp. 213-286.

<sup>184</sup>MARTIN; BROCCARDO; GIROLAMI, 2020, p. 216.

<sup>185</sup>Ibidem, p. 265.

<sup>186</sup>BROWN, 2012, p. 898.

<sup>187</sup>PENNA, 2014, p. 68.

Em Hb 11,1-40, o escritor, tendo apresentado uma famosa definição de fé (“garantia antecipada [ou realidade] de que se espera, a prova [ou convicção] de realidades que não se vêem”), dá início a uma longa lista de personagens do AT que tiveram “tal tipo de fé ou confiança”.<sup>188</sup>

Listas semelhantes de personagens marcantes podem ser encontradas em Eclo 44-50 e Sb 10. O sintagma “pela fé” se repete 18 vezes antes de cada personagem ou sentença enfática sobre a perseverança da fé, como um “refrão quase em cada versículo do v.3 ao v.33: todos os acontecimentos dos diferentes sujeitos considerados são repetidos a partir deste único elemento prospectivo”.<sup>189</sup>

Deve-se crer que ele existe e que recompensa os que o procuram: os dois objetos da fé provavelmente deveriam ser entendidos como sinônimos, i.e., não o mero fato da existência de Deus, mas sua existência como Aquele que estabeleceu relações graciosas com os seres humanos. Para a concepção oposta de que Deus não se preocupa com a conduta humana, veja Sl 53,2, onde a afirmação do insensato expressa o ateísmo prático, não especulativo. Avisado divinamente daquilo que ainda não se via: cf. Gn 6,13. Condenou o mundo: o autor parece ter recorrido a uma tradição mencionada em 2Pd 2,5 de que Noé avisou seus contemporâneos acerca do dilúvio iminente e os exortou ao arrependimento, embora sem êxito. O acontecimento do dilúvio vindicou a fé de Noé, que foi uma condenação da descrença deles.<sup>190</sup>

O capítulo 11 da carta aos Hebreus apresenta a fé como uma “abertura de crédito a Deus”, que uma vez prometido por Deus, ela será cumprida. Desse modo, os exemplos que ele descreve compõem uma “lista de campeões da fé” que desemboca no discurso do Cristo.<sup>191</sup> Em Hb 11,7, como também em 2Pd 2,5, o papel de Noé é de “arauto da justiça”, ou seja, ele entra na esteira dos verdadeiros justos no período arcaico. A degradação de Noé deu-se “porque plantou uma vide em vez de uma figueira ou de uma oliveira e porque, sabendo que no jardim do Éden a videira era a árvore da qual Adão e Eva comeram, não previu as consequências”.<sup>192</sup> A passagem “ele condenou o mundo” (Hb 11,7) implica que a vida do homem piedoso e justo deve servir de repreensão permanente aos céticos e ímpios.<sup>193</sup>

### 3.4 CARTAS DE PEDRO

<sup>188</sup>BROWN, 2012, p. 898.

<sup>189</sup>MARTIN; BROCCARDO; GIROLAMI, 2020, p. 266.

<sup>190</sup>JERÔNIMO, 2011, p. 728.

<sup>191</sup>MARTIN; BROCCARDO; GIROLAMI, 2020, p. 267.

<sup>192</sup>BLENKINSOPP, 2011, p. 214.

<sup>193</sup>LEWIS, 1978, p. 103.

As cartas tornaram-se conhecidas ao menos no reino de Domiciano, dentre os anos 81-96. Este que se autodeclarou como “senhor e deus nosso”; endureceu ainda mais a perseguição aos que apenas recebiam o nome cristão. Desse modo, estas cartas vêm ao encontro de uma comunidade para que ela se torne “uma casa acolhedora, cujos membros são pedras vivas na construção de um novo templo” e salvaguarda a autoria dessas cartas pelo Príncipe dos Apóstolos.<sup>194</sup>

Alguns críticos literários não concebem a possibilidade de um único autor das cartas, entre eles está São Jerônimo, no século IV. Comparando as duas cartas, “algo em torno de 60% do vocabulário de 2Pd não se encontra em 1Pd; o estilo de 2Pd é mais solene, até mesmo pomposo e rebuscado, e a visão acerca de problemas como o da segunda vinda é bem diferente”.<sup>195</sup>

Não se desconsidera que a 2Pd foi escrita numa comunidade em que o apóstolo Pedro fosse a autoridade maior e por isso a sua aceitação em toda Igreja. Para se ter uma noção da diferença linguística, enquanto a 1Pd possui um tom de discurso (homilia) e sempre ao se referir ao fim dos tempos utiliza o termo *apokalypsis*; já a 2Pd tem uma estrutura epistolar comum de sua época e quando trata da vinda futura de Cristo usa o termo *parousia*.<sup>196</sup>

#### 3.4.1 Primeira carta de Pedro

“Sobre o madeiro (*xýlon*), levou os nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivêssemos para a justiça” (1Pd 2,24). Pedro retoma as afirmações do Servo Sofredor do profeta Isaías (cf. c.53) para interpretar a morte de Jesus como perdão dos pecados. O objetivo dessa retomada não é tanto para acusar os pecados do ser humano, porém, é para reforçar o fato de que o “pecador”, agora, pode se colocar em relação com Deus novamente. Para isso a fé é condição para essa retomada de relação. Uma construção paralela pode-se encontrar em Gn 22,6, quando “Abraão tomou a lenha (*xýlon*) do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac” e foram para o monte Moriá, local onde Deus coloca a fé (fidelidade) de Abraão a prova. Na 1Pd, a noção de “justiça” não é “tanto o poder libertador de Deus (como em Paulo), mas designa um determinado comportamento (cf. 1Pd

---

<sup>194</sup>PENNA, 2014, p. 88.

<sup>195</sup>BROWN, 2012, p. 996.

<sup>196</sup>Loc. cit.

3,14; 3,12.18; 4,18): do singular do pecado (como poder escravizante) passou-se para o plural “pecados” (como sinônimos de erros humanos)”.<sup>197</sup>

1Pd 3,18b-21: “Morto na carne, foi vivificado no espírito, no qual foi também pregar aos espíritos na prisão, a saber, aos que foram incrédulos outrora, nos dias de Noé (*eméra Noah*), quando Deus, em sua longanimidade, contemporizava com eles, enquanto Noé construía a arca (*kibōtos*), na qual poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água. Aquilo que lhe corresponde é o batismo que agora vos salva, não aquele que consiste na remoção da imundície do corpo, mas no compromisso solene da boa consciência para com Deus pela ressurreição de Jesus Cristo”.

A expressão “espíritos na prisão” é enigmática e de difícil interpretação, porque inúmeras teorias se criaram em torno dela. Algumas delas são: a que relaciona com os anjos decaídos do céu na terra, ideia elaborada por escritos apócrifos, por exemplo, o livro de Enoc; ainda na esteira da literatura apócrifa, tem-se a concepção de que as almas desobedientes anteriores ao dilúvio estariam acorrentadas numa espécie de prisão; um escrito surgido no segundo século conhecido como Evangelho de Pedro trata da pregação do Evangelho por Jesus aos mortos, demonstrando assim que a geração arquetipo da perversidade anterior ao dilúvio também foi alcançada pelo Evangelho. Não obstante a perversidade, a longanimidade divina o fez esperar dez gerações e essa demora poderia ter ocasionado a rebelião dos anjos. Percebe-se assim, que na celeuma de teorias, o que mais sobressai é que “a tomada do poder por Cristo não abrange só o céu e a terra, mas inclusive o inframundo, como mundo da morte e da ausência de Deus – estendendo-se assim ainda para mais longe que a proclamação cristã”.<sup>198</sup>

Quanto à desobediência nos dias de Noé, pode-se observar (Gn 6,1-4) a sugestão de que os anjos ou os filhos de Deus mantinham relações na terra para instalar a maldade entre todos os seres vivos. Pedro ainda enfatiza que não se anuncia o evangelho para os mortos (1Pd 3,19; 4,6), ou para fantasmas ou espíritos, porque a esses “Cristo ressuscitado desce até lá para proclamar a vitória e esmagar as forças satânicas”.<sup>199</sup> Neste contexto, pela força de Cristo Ressuscitado manifestado no Batismo os anjos decaídos e sua força sobre os homens são vencidos e agora os filhos de Deus estão livres, conseqüentemente, precisam ter uma conduta moral correta.

<sup>197</sup>FELDMEIERS, Reinhard. **A Primeira Carta de Pedro**: um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 156.

<sup>198</sup>FELDMEIERS, 2009, p. 180.

<sup>199</sup>BROWN, 2012, p. 932.



Pedro em sua carta demonstra que existe diferença no modo de agir entre os que seguem a Cristo e os que ainda permanecem pagãos. “Os que foram regenerados pelo batismo, de fato, não têm razão para deixar-se levar por uma conduta desenfreada de vida”.<sup>200</sup> Era de se esperar que o antítipo do batismo, as oito pessoas fossem salvas “para fora das águas”. Porém, a locução usada por Pedro no v.20 (*psichai: diesótesan di'ídatos*), acentuando a preposição grega *di'* que significa “por causa de”, “através de” ou “por intermédio/meio de”, pode ser traduzida como “elas foram salvas através das águas”. Denota assim que a salvação consiste pelo intermédio das águas, para que no fim da travessia possa ter uma boa consciência e a estipulação de um acordo contratual, isto é, a promessa de firme ligação com Deus.<sup>201</sup>

O contexto aqui é o de uma exortação aos cristãos, que correm perigo por causa de sua alienação social, para que se mantenham fiéis. Na interpretação proposta aqui, os espíritos aos quais Cristo proclamou são os pecadores angelicais arquetípicos, os quais, de acordo com a tradição judaica, instigaram o “pecado original” dos seres humanos, por ocasião do dilúvio, e continuam a induzir os seres humanos à prática do mal. A proclamação de Cristo para estes pecadores, por ocasião de sua ascensão, é uma forma mítica de dizer que, por sua morte e ressurreição, ele derrotou todo o mal: ele anunciou a si mesmo como o Ressurreto. A associação destes espíritos com o dilúvio dá ao autor a oportunidade de um desenvolvimento tipológico (3,20-22): assim como Noé foi resgatado do mundo mau de sua época pela água, da mesma forma os cristãos são resgatados através da água do batismo. No novo pacto, os cristãos assumem o compromisso de viver de acordo com a vontade de Deus. Isto se dá de forma efetiva apenas por intermédio do poder do Cristo ressurreto e triunfante (3,21-22).<sup>202</sup>

Para a salvação Deus precisou de dois itens: água e madeira. Itens esses encontrados na construção da arca e na limpeza da imundície da terra (Gn 6-9); no Mar Vermelho, que fora aberto pela vara e a mão de Moisés, e que depois submerge os egípcios e liberta o povo de Iahweh (Ex 14,15-18); a cruz em que Jesus morre e da água que sai do seu lado aberto (Jo 19,33); a barca de Pedro (símbolo da Igreja) e as águas do Batismo. Por fim, apenas oito são salvos, indicando a salvação universal de todos os seres humanos, uma vez que correspondem a todos os pontos cardeais da Terra.

### 3.4.2 Segunda carta de Pedro

<sup>200</sup>MARTIN; BROCCARDO; GIROLAMI, 2020, p. 325.

<sup>201</sup>FELDMEIERS, 2009.

<sup>202</sup>JERÔNIMO, São. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Editores: Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, p. 661-662.

2Pd 2,5; 3,6: “nem poupou o mundo antigo, mas ao trazer o dilúvio (*kataklismós*) sobre o mundo dos ímpios, preservou apenas oito pessoas, entre as quais Noé (*Noah*), o arauto da justiça. [...] E que por essas mesmas causas [v.3: escarnecedores, levar a vida desenfreada, levados pelas suas próprias concupiscências] o mundo de então pareceu, submergido (*kataklízo*) pela água”.

A segunda carta de Pedro tem um caráter apologético contra falsos doutores que anunciavam um evangelho distinto dos apóstolos. Por isso, a carta reforça a importância e autoridade do testemunho apostólico. “Deus não poupou”: se o v.3 afirma que o juízo divino não tarda, uma prova é necessária. Recorre-se a exemplos clássicos de juízo divino no passado: se Deus não poupou estas figuras no passado, então certamente o juízo justo deve ser esperado no presente.<sup>203</sup>

O tema da *parusia*, a demora da vinda definitiva de Jesus Cristo, fazia parte de temas abordados por outrem, mas para reforçar e reanimar a fé Pedro diz que o atraso da *parusia* não é lentidão da parte de Deus, mas a magnanimidade de Deus que quer salvar a todos. “Esta catástrofe está atrasada na era presente por causa da raça dos cristãos, pois o dilúvio de Noé foi atrasado durante a pregação de Noé. Assim, os temas da demora e da longanimidade de Deus continuam na tipologia cristã”.<sup>204</sup>

[...] desde o início [o mundo/cosmos] não sofreu grandes mudanças, por isso, é justo pensar que não haverá nenhuma no futuro. E toda a pregação sobre o fim do mundo e da *parusia* do Filho do Homem (já bem atestada nos Sinóticos)? Vazia. Este é o ponto de vista deles: não haverá nenhuma *parusia*. [...] falsos mestres era o atraso da *parusia*: como o fim do mundo não chegava, a ideia de que talvez nunca chegasse encontra terreno fértil.<sup>205</sup>

O relato de 2Pd (2,5-9) se interessa “naqueles que foram excluídos do castigo divino – Noé, do dilúvio; Ló, de Sodoma e Gomorra – como prova de que Deus sabe como resgatar os fieis à tribulação”.<sup>206</sup>

Textos em paralelos a este podem ser encontrados no Sl 15 e Is 33,15. Percebe-se ainda que no julgamento divino não existe apenas o castigo, mas o item predominante a salvação dos fieis. E a fidelidade, mesmo na eminência da destruição, ressalta o dia da eternidade.<sup>207</sup>

<sup>203</sup>JERÔNIMO, 2011, p. 880.

<sup>204</sup>LEWIS, 1978, p. 116.

<sup>205</sup>MARTIN; BROCCARDO; GIROLAMI, 2020, p. 352.

<sup>206</sup>BROWN, 2012, p. 993.

<sup>207</sup>MARTIN; BROCCARDO; GIROLAMI, 2020, p. 326.

Ele tem poder para julgar, palavra de Deus: visto que a questão é a confiabilidade da palavra de Deus, salienta-se que Ele criou o céu e a terra por uma palavra e exercerá poder executivo sobre eles por uma palavra. Água ... fogo: segundo 2,4-8, Deus julgou Noé e sua geração com água, e Ló e Sodoma e Gomorra com fogo.<sup>208</sup>

Desse modo, o julgamento divino sobre os ímpios é implacável, porém, quanto aos fieis e perseverantes escutadores de sua palavra é cheio de complacência e gera salvação.

### 3.5 LITERATURA JOANINA E APOCALIPSE

“O Quarto Evangelho é uma obra escrita durante um longo período de gestação e amadurecimento: cerca de setenta anos separam a existência histórica de Jesus (por volta do ano 30) e a redação final do texto joanino (no final do séc. I)”.<sup>209</sup> Pode-se perceber três estágios de redação do quarto evangelho pelas características linguísticas: a primeira redação teria sido escrita entre os anos 50 e 70, tendo como características o uso dos termos “fariseus”, “sinais” e “judeus”. A segunda edição seria a polêmica em torno dos judeus e o uso do termo “obra” para se referir ao ministério de Jesus. Essa redação se daria depois dos anos 70 com a expulsão dos cristãos das sinagogas. A terceira e última redação se daria por volta do ano 98 e se caracteriza com as terminologias apocalípticas: “eu sou”, “luz/escuridão” e “Filho do homem”. Em síntese, poderia supor que a redação final do Quarto Evangelho se deu entre 64, depois da morte de Pedro (cf. Jo 21,18), e 98 com a morte do Discípulo Amado (cf. 21,21-22).<sup>210</sup>

Em relação ao livro do Apocalipse, pode-se distinguir a experiência de João na ilha de Patmos (cf. Ap 1,9) e a escrita dessa experiência. A prisão na ilha de Patmos pode ter acontecido no tempo do imperador Nero (ano 68) e, depois de um amadurecimento litúrgico, tem-se o assentamento da escrita, que segundo os Padres da Igreja, se deu no final do século I, ou seja, no tempo do imperador Trajano (98-117). Apesar do uso moderno do termo “apocalipse” como sinônimo de “fim dos tempos”, o escrito joanino busca encorajar e fortalecer a fé, isto é, ele é a “revelação de Jesus Cristo” (cf. Ap 1,1), “é fundamentalmente a celebração da Páscoa, hino litúrgico e anúncio da ressurreição, evento central na história da

<sup>208</sup>JERÔNIMO, 2011, p. 883.

<sup>209</sup>DOGLIO, Claudio. **Literatura Joanina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, p. 55.

<sup>210</sup>Ibidem, p. 61-62.

salvação, elo entre o começo e o fim, uma etapa necessária da maldição do pecado para a bênção da vida com Deus”.<sup>211</sup>

### 3.5.1 Evangelho de João

“Ao entardecer (*‘opsía*), seus discípulos desceram ao mar (*thálassa*) [...]. Além disso o vento soprava forte e o mar (*thálassa*) se encrespava [...]. Quando viram Jesus aproximar-se do mar (*thálassa*), caminhando sobre o mar (*thálassa*). Ficaram com medo” (Jo 6,16.18-19). Com a escuridão, a manifestação messiânica se tornaria impossível, e os discípulos atravessam o mar para a outra margem. Desse modo, a noite e o mar, símbolos do caos e do mal, ocasionam a crise nos discípulos que estavam na barca, enquanto o monte em que está Jesus é sinal de oração e ordem. O vento forte e a agitação do mar colocam em perigo e a comunidade dos discípulos que estavam sem Jesus na barca, antecipando, assim, a angústia e a desorientação dos discípulos depois da morte do Messias. Porém, Jesus, caminhando sobre o mar, vai buscá-los, sem barca, porque nada é impossível para o amor.<sup>212</sup>

“Tendo dito isso, Jesus foi com seus discípulos para o outro lado da torrente de Cedron. Havia ali um jardim (*kêpos*), onde Jesus entrou com seus discípulos” (Jo 18,1). Aqui não se menciona diretamente o Getsêmani ou o monte das Oliveiras, mas a localização da torrente de Cedron. Esta localização mostra os limites da cidade e o ato de atravessá-la é o rompimento com aqueles que anteriormente queriam fazê-lo rei (Jo 6,15) e os que queriam matá-lo (Jo 7,1). João mostra assim a incompatibilidade da ordem existente e da nova ordem a ser instituída por Jesus.<sup>213</sup> O jardim mencionado por João é o local ideal para que a semente caia no solo, morra e produza fruto (cf. Jo 8,6; 12,24; 19,41; 20,15).

### 3.5.2 Apocalipse

“[...] o que estava sentado tinha o aspecto de uma pedra de jaspe e cornalina, e um arco-íris envolvia o trono com reflexos de esmeraldas” (Ap 4,3). Em paralelo a Ez 1,26-28, os usos das pedras preciosas, juntamente com o arco-íris, descrevem o Senhor Deus sentado em seu trono celestial.

---

<sup>211</sup>Ibidem, p. 223.

<sup>212</sup>MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O evangelho de São João**. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1999.

<sup>213</sup>Ibidem.

“Vi depois outro Anjo, forte, descendo do céu; trajava-se com uma nuvem e sobre a cabeça estava o arco-íris” (Ap 10,1). Neste contexto, diferente do anterior, o anjo aparece a João como uma imagem portentosa, evocando uma “cena marinha depois de uma tempestade, quando as nuvens se abrem e o sol lança através delas dois raios poderosos, enquanto isso são vislumbradas as cores do arco-íris”.<sup>214</sup>

“A Serpente, então, vomitou água como um rio (*potamós*) atrás da Mulher, a fim de submergi-la” (Ap 12,15). A visão da luta da Serpente, das Bestas e do Cordeiro (cf. Ap 12,1-14,20) remonta a imagem da luta entre a serpente e a mulher no Gn 3,15-16. Nesse ambiente, com a declaração de guerra, a Serpente põe-se a perseguir a Mulher e seu fruto do ventre. “No que diz respeito à oposição satânica, Jo 12,21; 14,30; 16,11 descreve a paixão e a morte de Jesus como uma luta com o Príncipe deste mundo, que é expulso precisamente quando Jesus volta a seu Pai”.<sup>215</sup> A alusão ao rio de água faz sentido em pensar na imagem mítica de uma serpente marinha como Leviatã ou Raab (cf. Is 27,1; 51,9; Jó 26,12-13; etc.). O uso como símbolo do imperador Augusto ou Nero pode ser lido como se o imperador fosse instrumento da Serpente que persegue a Mulher<sup>216</sup> (símbolo da Igreja) ou ele seria a própria Serpente.<sup>217</sup>

A título de conclusão do capítulo, a releitura da narrativa do dilúvio feita pelo Novo Testamento funda-se em elementos para demonstrar a natureza divina de Jesus com seu poderio dominante sobre a natureza criada; sobre a vigilância e a oração necessárias para o retorno de Jesus; e como fundamento para o Batismo, em que toda espécie de imundície é lavada, para que o neófito possa ter uma consciência limpa, convertida, isto é, ter uma atitude de fé e justiça diante de Deus e da missão evangelizadora que visa todos os povos.

---

<sup>214</sup>DOGLIO, 2020, p. 247.

<sup>215</sup>BROWN, 2012, p. 1027.

<sup>216</sup>“As propostas hermenêuticas, sem se excluírem, podem ser reduzidas em quatro modelos em ordem crescente de amplitude simbólica: a) Maria, mãe de Jesus, o Cristo; b) a Igreja, comunidade religiosa que continua no drama da história a gerar o Cristo; c) o povo de Israel, esposa de Deus que preparou o nascimento do Messias com sua história; d) a primeira mãe, o melhor da humanidade a que é prometida salvação na luta contra o mal por meio da obra de sua própria “semente”” (DOGLIO, 2020, p. 253).

<sup>217</sup>BROWN, 2012.

## CONCLUSÃO

O povo de Israel foi eleito por Iahweh e este fez com ele aliança durante a sua constituição. Aliança que iniciou com Noé, passa pelo patriarca Abraão e culmina com a aliança de Moisés, na estadia do povo no deserto e a chegada à Terra Prometida, aliança que continua com Davi, com os profetas como Jeremias, até culminar com a nova aliança em Jesus. Desse modo, no processo de constituição de seu povo, Iahweh continuamente fez com que os fatos históricos marcassem a história de Israel, conseqüentemente, sua vida, para que ele chegasse ao conhecimento concreto desse Deus que o chamou e o reuniu como seu povo.

Esses eventos, como a criação do cosmos, a passagem do Mar Vermelho (fuga do Egito) e o exílio da Babilônia foram para o povo de Israel como um dilúvio, ou seja, um desastre natural, consequência de sua infidelidade à aliança de Iahweh. Neste contexto, o relato do dilúvio tem uma intrínseca relação com o exílio da Babilônia por dois motivos: o primeiro é o contato que os israelitas tiveram com a mitologia mesopotâmica durante o exílio e o segundo é a esperança de uma nova aliança depois do exílio, como aconteceu depois do dilúvio com Noé, ou seja, a esperança de uma recriação do povo da aliança. Em síntese, um evento particular do povo de Israel que atinge todo o cosmos.

A redação se deu no contexto de exílio do povo judeu na Babilônia, quando retornando para Jerusalém, tem-se a sua reorganização religiosa e política. Isto indica uma escrita por volta do século VI a.C. A narrativa não tem a pretensão de ser apenas um relato histórico preciso, mas uma leitura teológica do porquê Iahweh permitiu a destruição completa do Templo e da cidade de Jerusalém. Portanto, a tradição sacerdotal escreve o relato do dilúvio durante o exílio para recordar e motivar o seu povo a retornar para a terra prometida, porque lá é o lugar da aliança com Iahweh. A intenção teológica do hagiógrafo é também

querigmática, porque traz Iahweh não como uma divindade local de Israel, mas ele se torna o único Deus real, sistematizando-se a teologia e a religião monoteísta judaica. E com isso, a tradição sacerdotal desenvolve o tema da eleição de Israel por Iahweh.

Na esteira do relato, Noé é um personagem no qual a graça divina é destinada em meio ao desgosto de Iahweh frente a sua criação, uma vez que ela se perverteu com a violência. Deus se compadece e se lembra de Noé, uma vez que por causa de um justo que vive na terra, livrá-la-ia da fome e lembrar-se-ia de seu povo no exílio, como o fizera no Egito, na Babilônia e ainda hoje. Percorrendo os livros do Antigo Testamento, percebeu-se que os hagiógrafos fazem menções diretas ou indiretas ao relato diluviano. A aceitação do relato encontrou mais adeptos em tempos mais tardios de Israel, principalmente depois do século IV a.C.

Nos livros, foram encontrados três usos recorrentes da narrativa: o primeiro é o escatológico, isto é, indicando a similitude do dilúvio com o “dia do Senhor”. O retorno ao estado amorfo antes da criação é ocasionado pela infidelidade do povo de Israel à aliança de Iahweh. A destruição da terra pelo dilúvio, escravidão ou exílio é uma vontade divina para eliminar toda a maldade do homem.

Porém, mesmo diante do caos Deus impõe ordem na criação, porque ele é o soberano, o dominador da natureza e de sua destruição. Este é o segundo uso do relato do dilúvio. Ele enfatiza o senhorio de Deus sobre a natureza criada, conseqüentemente, sobre seu povo, tonificando um Deus capaz de aplacar a ira da natureza, porque é sua criatura e não outro deus.

O terceiro é a menção num aspecto moral, sugerindo uma atitude vigilante de conversão, uma vez que somente os justos alcançarão a salvação, enquanto os ímpios serão destruídos como aconteceu no tempo de Noé. Assim, por causa da conversão do povo de Israel ou a existência de um justo em seu meio, como Noé, Deus desistiria de destruir e arrepender-se-ia do que fizera e, à vista disso, abre-se a esperança ao povo, porque Iahweh é capaz de destruir e reconstruir/salvar o seu povo, até o entardecer do dia final.

Em relação às menções da narrativa pelos hagiógrafos do Novo Testamento, segue a mesma estrutura do Antigo Testamento, diferenciando-se porque agora a pessoa de Jesus cumpre tudo do Antigo Testamento. Assim, o Novo Testamento se vale de elementos do Antigo para demonstrar a natureza divina de Jesus com seu poderio dominante sobre a natureza criada; sobre a vigilância e a oração necessárias para o retorno de Jesus; e como tipo para o Batismo, em que toda espécie de imundície é lavada, para que o neófito possa ter uma consciência limpa, convertida, isto é, ter uma atitude de fé e justiça diante de Deus e da missão evangelizadora que visa todos os povos.

O objetivo do trabalho monográfico foi de investigar como se deu a interpretação do relato do dilúvio dentro dos livros bíblicos e foi alcançado, embora se teve que selecionar algumas ocorrências das menções devido à abundância de menções indiretas. Portanto, a pesquisa partiu de pesquisas já realizadas e mantém o horizonte aberto para novas interpretações, uma vez que o campo de pesquisa é vasto e precisa de mais pesquisadores nesta área.

## REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Catena Aurea**: exposição contínua sobre os evangelhos. Vol. 1: Evangelho de Mateus, Campinas, SP: Ecclesiae, 2019a.
- \_\_\_\_\_. **Catena Aurea**: exposição contínua sobre os evangelhos. Vol. 3: Evangelho de Lucas, Campinas, SP: Ecclesiae, 2019b.
- ASENSIO, Víctor Morla. **Livros sapienciais e outros escritos**. São Paulo: Ave-Maria, 2005.
- AVRIL, Anne; LEHARDT, Pierre. **Introdução à leitura judaica da escritura**. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2008.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.
- BLENKINSOPP, Joseph. **Creazione, de-creazione, nuova creazione**. Introduzione e commento a Genesi 1-11. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2011.
- BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CHILDS, Brevard S. **Isaia**. Traduzione dall'inglese-americano di Enzo Gatti. Brescia: Queriniana, 2005.
- CRÜSEMANN, Frank. O Pentateuco, uma Torá. Prolegômenos à interpretação de sua forma final. In: PURY, Albert de (org.). **O Pentateuco em questão**: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996, pp. 273-322.
- DAVIDSON, Richard M. The Genesis flood narrative: crucial issues in the current debate. **Andrews University Seminary Studies**. Vol. 42, n. 1, 2004, pp. 49-77.



\_\_\_\_\_. A Natureza [e Identidade] da Tipologia Bíblica – Questões Cruciais. **Hermenêutica**, 4, p. 61-99, 2004. Tradução do Dr. Ozeas Caldas Moura. In: <http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/hermeneutica/article/viewFile/191/187>.

DÍAZ, José Luís Sicre. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DOGLIO, Claudio. **Literatura Joanina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os evangelhos I**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Os evangelhos II**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FELDMEIER, Reinhard. **A Primeira Carta de Pedro: um comentário exegético-teológico**. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

GALVAGNO, Germano; GIUNTOLI, Federico. **Pentateuco**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2020.

GUNN, David M. Deutero-Isaiah and the Flood. **Journal of Biblical Literature**. Vol. 94, n. 4, Dez, 1975, pp. 493-508.

HARRINGTON, Wilfrid J. **Chave para a Bíblia: A revelação, a promessa, a realização**. São Paulo: Paulus, 1985.

JERÔNIMO, São. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

LACY, J. M. Abrego. **Os livros proféticos**. São Paulo: Ave-maria, 1998.

LANCELLOTTI, Angelo. **Comentário ao evangelho de São Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes 1979.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao evangelho de São Mateus**. Petrópolis, RJ: Vozes 1980.

LEWIS, Jack P. **A study of the interpretation of Noah and the flood in Jewish and Christian literature**. Leiden: J. Brill, 1978.

LONGMAN, Tremper; WALTON, John H. **O mundo perdido do dilúvio: teologia, mitologia e o debate sobre os dias que abalaram a Terra**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MARTIN, Aldo; BROCCARDO, Carlo; GIROLAMI, Maurizio. **Cartas deuteropaulinas e cartas católicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O evangelho de São João**. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1999.

MAYNARD, John A. The Home of Deutero-Isaiah. **Journal of Biblical Literature**. Vol. 36, n. 3/4, 1917, pp. 213-224.

PENNA, Romano. **A formação do Novo Testamento em suas três dimensões**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PITTA, Antonio. **Cartas paulinas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. 9ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

RENDTORFF, Rolf. A história bíblica das origens (Gn 1-11) no contexto da redação “Sacerdotal” do Pentateuco. In: PURY, Albert de (org.). **O Pentateuco em questão**: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp. 89-99.

RÖMER, Thomas. **A chamada história deuteronomista**; introdução sociológica, histórica e literária. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROST, Leonard. **Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos**: do Antigo Testamento e aos Manuscritos do Qumran. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2004.

SCALABRINI, Patrizio Rota. **Livros Proféticos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SCHÖKEL, Luís Alonso; DÍAZ, J. L. Sicre. **Profetas I**: Isaías, Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Profetas II**. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos I**: salmos 1-72. São Paulo: Paulus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Salmos II**: salmos 73-150. São Paulo: Paulus, 1998.

SKA, Jean Louis. **Introdução à leitura do Pentateuco**: chave para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral (orgs.). **Pentateuco**: da formação à recepção: contribuições ao VII Congresso ABIB-UMESP. São Paulo: Paulinas, 2016a, pp. 13-87.

\_\_\_\_\_. **O canteiro do Pentateuco**. São Paulo: Paulinas, 2016b.

\_\_\_\_\_. **Antigo testamento 2**: temas e leituras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SOUSA, Raimundo Pereira. O método midráshico no Novo Testamento. **Cadernos de Sion**, v. 1, n. 1, 2020, pp. 95-113.

SPERO, Shubert. The biblical stories of creation, garden of Eden and the flood: history or metaphor?. **Rabbinical Council of America**. Tradition 33:2, 1999, pp. 5-18.

STREETT, Daniel R. As it in the days of Noah: the prophets' typological interpretation of Noah's flood. **Criswell Theological Review**, n. 5, s. 1, 2007, pp. 33-51.

UEHLINGER, Christoph. Capítulo 3: Gênesis 1-11. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (orgs.). **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário de teologia e exegese**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

VV.AA. **A criação e o dilúvio: segundo os textos do Oriente Médio Antigo**. São Paulo: Paulus, 1990.

WEISER, Artur (org.). **Antico Testamento**. Brescia: Paideia Editrice, 1978.

WESTERMANN, Claus. **Genesis: an introduction**. Minneapolis: Fortress Press, 1992.